



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES

ARETE MENDES

**A MEDIAÇÃO ÉTNICA E A PRÁTICA RELIGIOSA NA GUINÉ-BISSAU: A
RELIGIÃO TRADICIONAL AFRICANA E O CATOLICISMO PRATICADA PELA
ETNIA MANDJACO NO SETOR DE CALEQUISSÉ A PARTIR DA DÉCADA DE 80**

REDENÇÃO - CE

2017



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS - IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES

ARETE MENDES

**A MEDIAÇÃO ÉTNICA E A PRÁTICA RELIGIOSA NA GUINÉ-BISSAU: A
RELIGIÃO TRADICIONAL AFRICANA E O CATOLICISMO PRATICADA PELA
ETNIA MANDJACO NO SETOR DE CALEQUISSÉ A PARTIR DA DÉCADA DE 80**

Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho

REDENÇÃO - CE

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Mendes, Arete.

M49m

A Mediação Étnica e a Prática Religiosa na Guiné-Bissau: A Religião Tradicional Africana e o Catolicismo Praticada pela Étnia Mandjaco no Sector de Calequisse a Partir da Década de 80 / Arete Mendes. - Redenção, 2018.

57f: il.

Monografia - Curso de Humanidades, Instituto De Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho.

1. Guiné-Bissau. 2. Calequisse. 3. Mandjaco. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 966.5703

Dedico este trabalho (*in memoriam*) aos meus pais, Gabriel Mendes e Teresa Gomes, aos meus ancestrais, ao meu marido, Mamadú Aliu Baldé, e ao meu filho, Bubacar Mendes Baldé, aos meus irmãos, Franquar Silva e Ana Maria Mendes e ao meu cunhado, Nicolas Gomes, por tudo o que consegui hoje.

AGRADECIMENTOS

Com o apoio de muitas pessoas, foi possível realizar este trabalho de conclusão do curso (TCC). Por isso, agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pai todo poderoso, por me conceder a vida, força e inspiração. Do mesmo modo, agradeço os meus ancestrais que sempre acompanham todos os momentos da minha vida. Agradeço aos meus familiares, meus pais, em especial, à minha querida mãe, Teresa Gomes, mulher guerreira, batalhadora, viúva que desempenhava, ao mesmo tempo, papel da mulher e do homem para nos sustentar, agradeço pela atenção, incentivo e apoio nos meus estudos. Infelizmente, não está em vida para acompanhar esse momento tão esperado, mas acredito que espiritualmente está e estará ao meu lado. Ao querido meu filho, Bubacar Mendes Baldé, que, em alguns momentos, não teve toda a atenção e o carinho que precisa da mãe, ao meu conselheiro marido, Mamadú Aliu Baldé, que sempre me apoia.

Os meus agradecimentos de coração ao meu orientador Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho, por acreditar no meu trabalho e me motivar a trabalhar os assuntos relacionados com o lugar de onde vim, bem como a oportunidade de resgatar a história. Finalizo, dizendo-lhe que foi enorme o prazer de tê-lo como meu orientador, amigo, conterrâneo. Meus agradecimentos para todos os professores da UNILAB, em especial, ao Prof. Dr. Mario Fernandes Biague, pelo apoio moral, conselho e pela confiança, à Profa. Dra. Artemisa Odila Candé Monteiro (nossa querida mana), ao Prof. Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira, ao Prof. Dr. Bas'ilele Malumalu, ao professor Dr. Luís Tomas Domingos.

De igual modo, agradeço aos meus irmãos, Françuar Silva, Ana Maria Mendes, Clemente Mendes, Ambrósio Mendes, Herculano Mendes e Pascoal Mendes. Também agradeço às minhas tias Tetê Silva, Mary Gomes, e aos meus primos, Raul Mendes, Ivo Mendes, Píer Gomes, Carlota Camtumba e Roberto Camtumba.

Agradeço ao Jailson Togna Nbana Branco, pelo apoio. Agradeço aos meus sobrinhos, Gabriel Gomes, Virginia Gomes, Etifania (Eti) Mendes, Laura Mendes, Luciano Mendes Bernal Correia, Rubem Mendes, Nenê Mendes, Cetu Mendes, Djimis Mendes e Afonso Mende.

Agradeço aos meus irmãos, companheiros, Wilson da Silva Odene Cá, Felix Nbali Sá, Eliseu Caitano Oliveira, pela atenção, conselho e tolerância.

Agradeço aos meus manos, Quedeco Ié, Benedito Gastão Mendes, Lavi Monteiro, por serem as primeiras pessoas a me acolherem e por me considerarem como irmã, amiga. Agradeço a Fernando Moura Mendes e Madilio Pereira, pelo carinho e apoio moral.

Agradeço a Justino Cunha, Emanuel Upa Pluff, dizendo que vocês são tudo para mim. Agradeço aos meus amigos e amigas, Filinto Bonte Cá, Euzébio Djú, João Paulo, Benibel Marques, Umaro Candé, Luisa Pinto Semedo, Petimama Gomes, Ivone Mendonça, Benjamim, Ivandro Djú, Isabel Mario Nosoline, Emelson Ntchala Cá, Noemio Fernandes, Juscelino Guimaraes, Figuiho Bernardo Ócaia e Celestino Mendes, pelo apoio e conselho, dizendo que, além de serem amigos, eu vos considero uma parte da minha família.

Agradeço a todos os meus entrevistados em especial Padre Michel Gerlier pela paciência e atenção.

Por fim, agradeço à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), pela oportunidade que deram a todos os estudantes estrangeiros e brasileiros, em especial aos estudantes guineenses. Agradeço, enfim aos servidores do Instituto de Humanidade e Letras (IHL) e da UNILAB em geral.

A cada passo que demos aprendemos algo novo na nossa vida, aprende-se tudo até o que não podemos enxergar, mas com a possibilidade de nos sentirmos arrepiados, então a vida é assim, cair e ter força para se levantar com o intuito de conseguir chegar aonde queremos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a forma como os mandjacos de Calequisse administram as duas práticas religiosas Religião Tradicional Africana (RTA) e Religião Católica (RC) socialmente e culturalmente, sendo que estes assumem ser católicos sem deixar a prática da religião tradicional africana. Para atingir o objetivo desta pesquisa, apoiamos nos vários teóricos que abordaram história da Guiné-Bissau e da etnia, conceito da religião e a religião tradicional africana no contexto dos mandjacos de Calequisse. Além da parte teórica, também foram realizadas as entrevistas com os mandjacos de Calequisse e um padre Francês que acompanhou de perto estes praticantes. Nessa, entrevistamos quatro mulheres e oito homens. Durante a pesquisa, verificou-se que os mandjacos são um grupo étnico muito apegado à tradição, inclusive os que vivem na zona rural, pois é notável que a religião tradicional engloba todas suas fases de vida, desde o nascimento até a morte. Ao analisar suas aderências religião descobrimos que adesão destes não é apenas assunto individual, mas também das influências principalmente dos familiares, acessibilidade de uma ou outra religião nos espaços onde vivem. A partir dos dados coletados, descobrimos que o motivo que leva estes a não deixar práticas tradicionais após o batismo tem a ver com a questão da preservação ou manutenção das identidades culturais, questão de efetivação dos usos tradicionais que as pessoas têm por efetuar-las, a questão de diálogo entre religiões (RTA e RC) permitido no setor. Mas também foi evidenciado que a religião católica é tida como uma alternativa para estes, pois se apresentam, como católicos, mas se comportam, interiormente, a favor de suas tradições ou de seus ancestrais. Os fatos apontados nos permitem compreender que o dualismo ajuda a pessoa a compreender melhor as realidades religiosas, a saber lidar com outras religiões.

Palavras-chave: Guiné-Bissau, calequisse, mandjaco, dualismo, religiões tradicionais, catolicismo.

ABSTRACT

The aims of this work is to understanding how the Calequisse' s mandjacos leading with the two religious practices (RTA and CR) socially and culturally, which assume that they are Catholics without abandoning the practice of the traditional African religion. In order to achieve the objective of this research, we support the various theorists who approached the history of Guinea- Bissau and the ethnicity, concept of catholic religion and the traditional African religion in the context of Calequisse' s mandjacos. In addition to the theoretical part, interviews were also held with the Calequisse' s mandjaco and a French priest who closely followed these practitioners. We interviewed four women and eight men. During the research, mandjacos were found to be an ethnic group very attached to tradition, including those living in the countryside, for it is remarkable that traditional religion includes all stages of life from birth to death. In analyzing their religion adhesions, we find that accession of these is not only an individual issue, but also of the influences mainly of the familiar, accessibility of one or another religion in the spaces where they live. From the collected data, we find that the reason why these do not leave traditional practices after baptism has to do with the question of the preservation or maintenance of cultural identities, a question of effecting the traditional uses that people have to make them, the issue of interreligious dialogue (RTA and RC) allowed in the sector. However, it has also been shown that the Catholic religion is seen as an alternative to these, because they present themselves as Catholics, but behave inwardly in favor of their traditions or their ancestors. The facts pointed out allow us to understand that dualism helps one to better understand religious realities, namely to deal with other religions.

Keywords: Guinea-Bissau, calequisse, mandjaco, dualism, religions, traditional, Catholicism.

RESUME

Le présent travail a comme l'objectif de comprendre comment les mandjacos de Calequisse administrent les deux pratiques religieuses (RTA et RC) socialement et culturellement, car ils supposent être catholique mais sans quitter la pratique de la religion traditionnelle africaine. Pour atteindre l'objectif de cette recherche, nous soutenons les divers théoriciens qui ont abordé l'histoire de la Guinée-Bissau et l'origine ethnique, le concept de la religion et la religion traditionnelle africaine dans le contexte de mandjacos de Calequisse. Au-delà de la partie théorique, nous avons également tenu des entretiens avec mandjacos de Calequisse et prêtre français qui a suivi de près ces praticiens. En cela, nous avons interrogé quatre femmes et huit hommes. Au cours de la recherche, il a été constaté que les mandjacos sont un groupe ethnique très attaché à la tradition, principalement ceux qui vivent à la campagne, il est remarquable que la religion traditionnelle englobe toutes les phases de la vie, de la naissance à la mort. En analysant leurs adhésions à la religion, nous avons constaté que leur adhésion est non seulement une affaire individuelle, mais aussi l'influence principalement de la famille, l'accessibilité d'une religion ou d'une autre dans les espaces où ils vivent. À partir des informations recueillies, nous constatons que la raison pour laquelle ceux-ci ne laissent pas les pratiques traditionnelles après le baptême a à voir avec la question de la préservation ou le maintien des identités culturelles, question de l'efficacité des utilisations traditionnelles que les gens doivent les modifier, la question du dialogue entre les religions (RTA et RC) permises dans le secteur. Mais il est aussi évident que la religion catholique est considérée comme une alternative à ces derniers, parce qu'ils ont, comme catholiques, mais ils se comportent intérieurement en faveur de leurs traditions ou leurs ancêtres. Les faits indiqués permettent de comprendre que le dualisme aide une personne à mieux comprendre les réalités religieuses, à savoir traiter avec les autres religions.

Mots-clés: Guinée-Bissau, calequisse, mandjacos, dualisme, religions traditionnelles, le catholicisme, le culte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa da Guiné-Bissau e seus planos administrativos	20
Figura 2: Foto retirada do <i>site</i> Cultura Mandjaco	33
Figura 3: Cultura Mandjaco, tirada pela autora	33

LISTA DE SIGLAS

CEDEAO – Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental

CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa

INE – Instituto Nacional de Estatísticas

NU – Nações Unidas

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

RTA – Religião Tradicional Africana

RC – Religião Católica

TCC – Trabalho de Conclusão do Curso

UA – União Africana

UEMOA – União Econômica e Monetária do Oeste Africano

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTORIAGRAFIA DA GUINÉ-BISSAU E DE ETNIA MANDJACO.....	18
2.1 HISTORIOGRAFIA E A SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA GUINÉ-BISSAU E OS SEUS GRUPOS ÉTNICOS	18
2.2 A HISTORIOGRAFIA DA ETNIA MANDJACO.....	22
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA RELIGIÃO E RELIGIÃO TRADITIONAL AFRICANA (RTA)	25
3.1 CONCEITO DA RELIGIÃO	25
3.2 A RELIGIOSIDADE TRADICIONAL AFRICANA NO CONTEXTO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE.....	28
4 OS EFEITOS DA INTRODUÇÃO DO CATOLICISMO NO SEIO DA COMUNIDADE DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU	36
4.1 OS ASPECTOS MOTIVADORES DA ADERÊNCIA ÀS RELIGIÕES TRADICIONAL AFRICANA E CATOLICISMO (RTA E RC)	36
4.1.1 A Comunidade Urbana	37
4.1.2 A Comunidade Rural	42
4.2 OS FATORES INFLUENCIADORES NA PRÁTICA DO DUALISMO NO SETOR DE CALEQUISSE A PARTIR DA DÉCADA DE 1980.....	44
4.3 OS IMPACTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO DUALISMO NA VIDA E NA TRADIÇÃO DOS DUALISTAS	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A escolha do presente tema para o trabalho de conclusão do curso (TCC) tem a ver com a minha curiosidade pelo que vivenciei durante muito tempo no meio das pessoas que praticam duas religiões ao mesmo tempo, tais como: práticas tradicionais, as quais vamos, de acordo com o termo fornecido por alguns autores, denominar de Religião Tradicional Africana¹ e o Catolicismo. Acontece que a maioria dessas pessoas são batizadas na Igreja Católica, na qual fizeram o juramento de que, depois do batismo, desligar-se-iam das práticas da Religião Tradicional Africana (RTA) com o objetivo de “alcançar a glória de Deus”, ou de se “libertar dos maus espíritos”; mas na verdade essas pessoas nunca deixaram a religião tradicional, pois participam ativamente nas cerimônias tradicionais. Segundo Gerlier (2004), os mandjacos², mesmo batizados, nunca deixam as práticas tradicionais. Isso pode ser verificado no continente africano, principalmente na Guiné-Bissau, em que as pessoas convivem-se muito bem com a dualidade religiosa.

Portanto, a preocupação deste trabalho é de problematizar como é que os mandjacos assumem ser católicos sem deixar práticas tradicionais? Será que isso não complica a sua vida religiosa ou fé e a sua cultura?

Com isso, o objetivo principal do presente trabalho é de analisar a forma como estes administram o dualismo religioso socialmente e culturalmente, bem como compreender os motivos que os levam a não deixarem práticas tradicionais após de batismo e outros fatores de caráter cultural que impedem esse desvinculo no setor de Calequisse. Ao longo do trabalho, esses aspectos serão analisados e compreendidos com mais detalhes e profundidade.

Este trabalho tem grande importância porque pode trazer uma explicação clara sobre a forma que mandjacos administram essa ambiguidade, e os motivos que os levam a não deixar as práticas tradicionais depois de batismo. Além disso, vai servir como orientação aos futuros pesquisadores de temas relacionados a essa temática. Também traz uma explicação clara sobre a existência ou não da tolerância religiosa no setor de Calequisse.

De certa forma, acreditava-se que, um dia, essa dupla prática religiosa será estudada, tendo em conta que, no espaço geográfico (ou a região) onde vivem os mandjacos, historicamente, é um lugar onde foi construída a primeira igreja católica no território da Guiné-

¹ Religião da origem africana também praticada no continente, cujos ensinamentos são transmitidos através da oralidade de geração para geração- Vicente (2012).

² Mandjaco é o nome de um grupo étnico na Guiné-Bissau que ocupa mais regiões ao norte do país.

Bissau. Por isso, estudar essa questão significa fazer uma retrospectiva histórica, sociológica e antropológica na vida dos manjacos quanto a essa prática religiosas no setor de Calequisse. Além disso, nós ajuda a conhecer os elementos-chave da cultura da etnia mandjaco, a fim de poder transmiti-los aos futuros sucessores e herdeiros dessa rica cultura, para que possam dar-lhe continuidade e preservar os seus valores culturais.

O trabalho foi planejado em quatro etapas, tendo na primeira a revisão bibliográfica; na segunda, a construção dos materiais da pesquisa; na terceira, a organização dos dados coletados; e a quarta e última revisão do trabalho final.

Além da introdução, das considerações finais e das referências, o trabalho está dividido em três sessões que tratam dos assuntos relacionados.

Na segunda sessão, descrevemos a característica geográfica da Guiné-Bissau, sua organização administrativa, organização de seus grupos étnicos, religião, política e condições climáticas, para contextualizar os leitores sobre o espaço onde vive a etnia estudada. Ainda nessa sessão abordamos a história da etnia mandjaco, suas organizações espaciais e uma breve contextualização geográfica do setor de Calequisse.

Na terceira sessão, discutiu-se o conceito da religião, como suporte do nosso trabalho, dialogando-se com diferentes autores sobre o que é a religião propriamente em si. Também abordamos a religião tradicional africana no contexto dos manjacos de Calequisse, mas antes disso tentamos trazer algumas abordagens sobre a própria RTA e a forma como ela funciona, ou seja, o seu embasamento.

Na quarta sessão, discutiu-se sobre os motivos de aderência religiosa tanto à RTA como à RC, abordando-se a forma como se deu a prática do dualismo no setor Calequisse, uma vez que estes são considerados praticantes de duas religiões desde da instalação da paróquia no setor ou no país. Desse modo, se fará uma reflexão a respeito dos efeitos da dualidade para esses dualistas.

No final do trabalho, apresentam-se as reflexões e os resultados da pesquisa, bem como a apresentação das referências.

Para melhor problematização deste trabalho, apresenta-se a metodologia como requisito para o recolhimento das informações que vão permitir analisar o dualismo e sintetizar os elementos-chave dessa prática. Ainda, o trabalho busca estudar esta questão de forma mais profunda, usando a metodologia adequada para atingir os objetivos pretendidos, cuja abordagem se alicerça em duas etapas.

A **primeira etapa**, que é de natureza exploratória, fundamentada no levantamento de artigos publicados na *internet* e em documentos que se encontram publicados no *site* da

Fundação Mário Soares³, na Biblioteca do Ultramar em Lisboa-Portugal⁴. Além destes, foram consultados boletins culturais da administração portuguesa na antiga Guiné-Portuguesa, com registros de vários acontecimentos históricos, apoiando-se naqueles que trazem referência aos assuntos relacionados ao tema.

Desse modo, a pesquisa seguiu essa mesma linha, ou seja, no estudo, recorreu-se aos especialistas guineenses, não somente àqueles que abordaram os assuntos relacionados à dupla prática religiosa. Percebemos, nesse momento da pesquisa, que alguns disponibilizaram os seus trabalhos, já outros limitaram-se a esclarecer algumas dúvidas que se tinha em relação ao período do acontecimento no setor de Calequisse.

Também se exploraram exaustivamente os documentos escritos por missionários: Gerlier (2004), Missão Sem Fronteira (1999), Neves (1999), Ferreira (1995), entre outros autores que trabalharam na missão do setor de Calequisse, desde o período da década de 1980. Foram estes que se dedicaram a um prévio estudo sobre a etnia em questão, trazendo os relatos sobre a vida cultural e religiosa dos mandjacos, bem como sobre a resistência quanto à aderência ou à rejeição dessa comunidade (pesquisa bibliográfica).

A **segunda etapa** é baseada nas entrevistas semiestruturadas com os mandjacos residentes no setor de Calequisse e a sua diáspora, inclusive no Brasil, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), localizada no maciço de Baturité, município de Redenção, estado do Ceará, que viveram essa dualidade religiosa. Também fizemos a entrevista com um missionário padre, que conhece profundamente a realidade ou cultura do local. São estes que vão revelar a realidade e os motivos que os levam a praticar duas religiões ao mesmo tempo, sem deixar a RTA.

Nesse caso, a escolha das entrevistas não foi aleatória. Houve o cuidado de escolher pessoas a serem entrevistadas, baseando-se nos critérios de conhecimento profundo da religiosidade dos mandjacos (com questões abertas), ou seja, os questionários dirigidos são fáceis, diretos e abertos.

Como foi abordado logo no início, o objetivo deste trabalho é compreender a forma como os mandjacos administram o dualismo religioso psicologicamente e culturalmente, portanto, para atingir este objetivo, foram formulados um conjunto de questionários que podem permitir fazer uma análise profunda dessa temática, ademais esses questionários podem ser considerados como um dos pontos de partida deste trabalho.

³ Fundação Mário Soares: fundação em Portugal com acervos sobre a cultura dos povos das ex-colônias portuguesas na África.

⁴ Antiga biblioteca em Portugal com acervo dos boletins sobre o cotidiano da administração colonial na África.

Para tanto, foi elaborado um total de 20 questionários, que estão subdivididos em dois procedimentos distintos.

O primeiro procedimento foi a elaboração de onze questionários específicos aos missionários afetos à paróquia de “São Carlos de Lwanga” de Calequisse (Bajob); mas viemos a nos deparar com algumas dificuldades, como encontrar materiais para realizar a pesquisa e dificuldade de estabelecer as entrevistas com os missionários residentes no setor. Vale observar que os padres, para responderem aos questionários, tiveram de fazê-lo via *e-mail*, precisando se deslocar do setor de Calequisse ou respondê-los quando estiverem na capital (Bissau), ou ainda em outros lugares fora do setor de Calequisse, onde houvesse *internet*. Esses e demais fatores condicionaram, infelizmente, a não obtenção de respostas a todos os questionários. Apesar disso, durante a pesquisa, conseguimos superar essas dificuldades.

O segundo procedimento foi a aplicação de oito questionários destinados às pessoas da comunidade do setor de Calequisse residentes dentro e na diáspora do setor, que já tinham vivido tal ambiente cultural e tradição dos Calequissenses.

No total, foram entrevistadas doze pessoas, sendo que quatro são mulheres e oito, homens, suas faixas etárias variam de 25 a 70 anos de idade. Os colaboradores foram nomeados com nomes fictícios para a preservação das suas identidades, sendo assim, usamos os seguintes: Pedro, Nino, Monica, Nuno, Mariano, Mariana, Carfala, Mana, Vitorino, Nenedju Lopes e Padre Missionário. Quanto à prática religiosa desses entrevistados, um é meio adventista meio tradicionalista, dois eram dualistas, oito tradicionalistas e, ao mesmo tempo, católicos (dualistas) e um padre missionário.

Para o efeito da elaboração dos questionários, foram consideradas as seguintes indagações:

1. Qual é a religião que o/a senhor (a) praticava?
2. É a única religião que o/a senhor (a) pratica até hoje?
3. Como é que partiu a iniciativa de praticar a dualidade religiosa?
4. O que influenciou esse comportamento?
5. Como é que você administra essa ambiguidade psicológica e culturalmente?
6. O que você descobriu ao praticar essas duas religiões?
7. Existe alguma ligação entre Cristianismo e Religião Tradicional Africana?
8. Existe tolerância religiosa entre os adeptos do Cristianismo e da Religião Tradicional Africana?

O trabalho recorreu ao método qualitativo. Segundo Strauss e Corbin (2008), a pesquisa qualitativa é aquela em que os resultados obtidos não são provenientes dos dados estatísticos. De acordo com a afirmação de Trivinos (2015), muitas pesquisas qualitativas não precisam se apoiar na informação estatística. Para Antônio Carlos Gil (1996), a pesquisa qualitativa é um conjunto de dados que ainda não receberam um tratamento científico. Contudo, isso não quer dizer que estes resultados provêm de especulações, pois têm um propósito de definição válida no mundo científico.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTORIOGRAFIA DA GUINÉ-BISSAU E DE ETNIA MANDJACO

Neste capítulo, discute-se brevemente a história da situação geográfica da Guiné-Bissau, seus setores administrativos e a divisão territorial do país, trazendo alguns informes sobre as condições climáticas para melhor compreensão dos leitores, que poderão se inserir no contexto em que se desenvolve a discussão sobre o povo mandjaco, uma vez que os elementos geográficos são determinantes na formação de uma comunidade. Assim, apresentam-se os limites do local de convivência desse povo, o que se torna necessário para o entendimento de sua localização geográfica.

Ainda, é importante salientar que o foco do trabalho não é explorar os elementos históricos da Guiné-Bissau de forma densa e profunda, apesar de serem alicerce para o entendimento da formação da sociedade guineense e, conseqüentemente, da sociedade do povo mandjaco. Porém, este capítulo limitar-se-á a dar uma pista aos leitores de como se formou o atual território da Guiné-Bissau, os grupos étnicos que compõem o país, entre outras informações necessárias sobre o trabalho.

Também será abordado a historiografia da etnia mandjaca e suas subdivisões territoriais. Ademais, apresentar-se-á a cronologia dos fatos históricos sem entrar em discussão com os seus méritos, ou seja, as causas e as conseqüências. Todavia, não é descartada essa possibilidade, caso o momento ou fato histórico seja de relevância ao longo da discussão deste trabalho.

2.1 HISTORIOGRAFIA E A SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA GUINÉ-BISSAU E OS SEUS GRUPOS ÉTNICOS

Antes de entrar na descrição de alguns elementos-chave da cronologia histórica, é importante realçar que o território da atual Guiné-Bissau sempre foi habitado por etnias desdenhosamente chamados “indígenas”, como sempre referiram os portugueses nas suas escritas. Portanto, a República da Guiné-Bissau, cuja capital é Bissau, conforme as coordenadas geográficas descritas, fica situada na sub-região da África Ocidental, localizada na costa ocidental. Na Zona Norte, faz fronteira com a República do Senegal, ao Sul e Oeste, é banhada pelo Oceano Atlântico e, na Zona Leste e Sudeste, faz fronteira com a República da Guiné - Conakry. O país conta com 350 quilômetros de costa marítima e com uma superfície de 36.125 km². Além do território continental, inclui a parte insular formada pelo Arquipélago dos

Bijagós, composta por mais de 80 ilhas, sendo que, dentre estas ilhas, muitas são desabitadas. De acordo com Odete Semedo (2010), o país conta com um milhão e quinhentos mil habitantes.

Quanto à superfície da Guiné-Bissau, esta varia de fonte estatística para fonte estatística, dependendo da inclusão ou exclusão das áreas inundadas durante o levantamento dos dados, embora uma parte da área marginal seja periodicamente submersa pela maré-alta (macaréu). Alguns levantamentos feitos mostram essa variação da sua superfície através das inundações: 33.637 km² (CABRAL, 1953 apud MENDY, 1994), 28.000 km² (TEIXEIRA DA MOTA, 1954 apud MENDY, 1994) e 36.125 km² (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ULTRAMAR, 1956 apud MENDY, 1994).

O país é plano, o clima é tropical, coberto pela água marítima, nas regiões do Leste, no interior, apresenta-se grande planícies áridas, já que as selvas e a floresta ocupam a parte ocidental. O território é cortado por rios caudalosos, como os rios Geba, Cacheu, Corubal, Mansoa, Rio Grande de Buba, Rio de Cacine, com a produção agrícola mais expressiva, conforme Augel (2007), sendo que é a pesca que garante a subsistência para população. O país hoje conhecido como República da Guiné-Bissau está subdividido em três províncias (Norte, Sul e Leste) e é constituído por oito regiões administrativas, entre estes: Cacheu, Oio, Tombali, Biombo, Bolama Bijagós, Bafatá, Quinara e Gabú, mais setor autônomo de Bissau, atualmente capital do país. Ademais, é constituído por trinta e sete subsectores, sendo estes constituídos por seções, compostas por aldeias. Essas regiões são dirigidas por governadores regionais sob tutela do Ministério da Administração Territorial (INE, 2009).

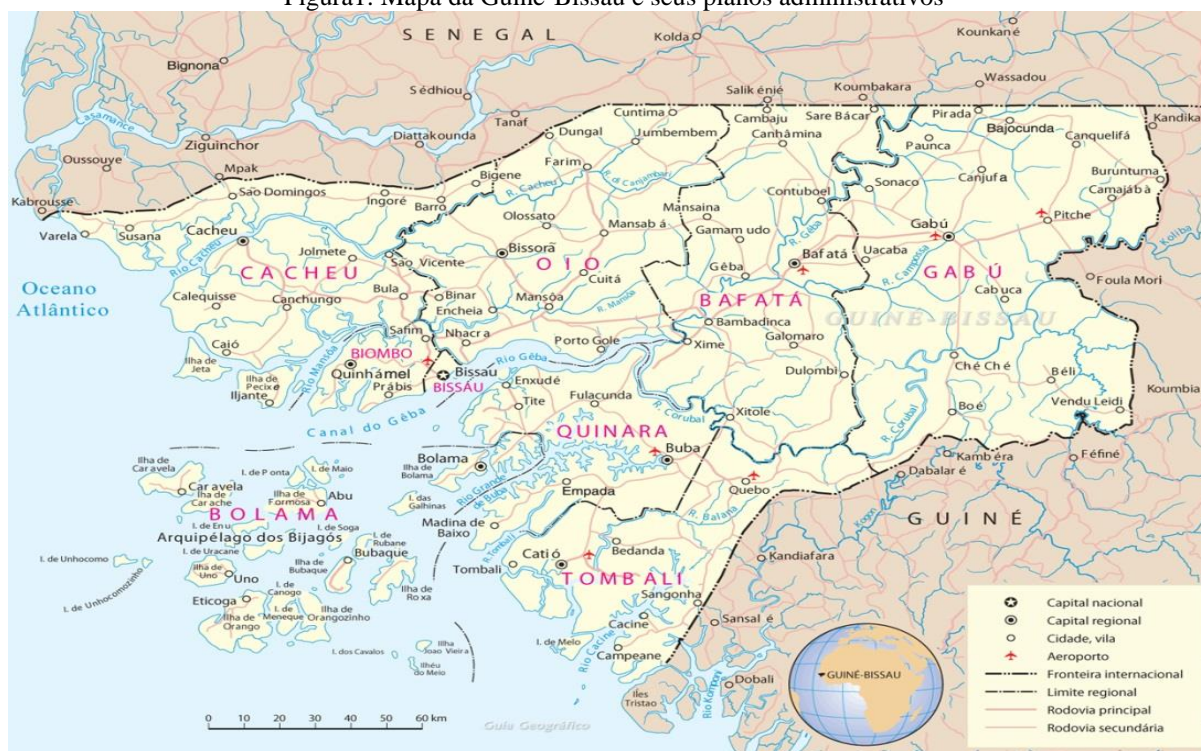
Cada uma dessas regiões apresenta o número e a etnia mais predominante no seu espaço geográfico. A região de Tombali é habitada por etnia Balanta (46,9%) e Fula (20,9%). A população pertencente às etnias Felupes e Saracoles corresponde a menos de 1% nessa região. Já a região de Quinara é ocupada por etnia Biafada e Balanta, correspondendo a 36,7% e 35,2% respectivamente. [...], na região de Gabu, essas percentagens correspondem a 79,6% e 14,2%, respectivamente, para as etnias Fula e Mandinga. Ainda, a região de Cacheu é habitada por maior número de Manjacos (36,8%), Balantas (28,8%) e Felupes (9,1%) e, por último, o Setor Autônomo de Bissau (SAB), os Balantas (20,5%), Fulas (18,0%), Papeis (15,7%) e Mandingas representam as etnias com maior expressão. A região de Oio é povoada por etnias Balanta e Mandinga, representando 43,6% e 32,9% respectivamente. A região de Biombo é maioritariamente habitada pelas etnias Papel (64,7%), Balanta (19,4%). As pessoas das etnias Sossos e Saracolé correspondem, respectivamente, a 0,1%. Na região de Bolama/Bijagós, a etnia Bijagós corresponde a quase 2/3 da população (64,3%). Menos expressiva da região é a etnia Balanta Mané (menos de 0,1%). Na região de Bafata, reside a etnia Fula, que corresponde a 60,0% e a etnia Mandinga, com 22,9%. Sendo assim, a Guiné-Bissau é um país constituído por vários grupos étnicos de diferentes línguas étnicas e culturas próprias. (INE, 2009, p. 26)

Entre esses grupos étnicos que constituem o país, existem os considerados mais principais e representativos em termo populacional, que são: Balantas (30%), Fulas (20%),

Manjacos (14%), Mandingas (13%), Papeis (7%), segundo Silva (2010, p. 23). Entre essas populações, existe uma pequena parte da população que não pertence à nenhuma etnia, que corresponde a 2,2% da população INE (2009). Essa população pode ser de estrangeiros ou assimilados que perderam suas etnias. Ainda hoje, no país, algumas etnias se unificaram e formaram uma única, passando a se representar com o nome da etnia à qual se juntaram.

A capital do país é Bissau e tem como principais cidades: Buba (capital da região de Quinara), Bafatá (capital da região de Bafatá), Canchungo (capital da região de Cacheu), Bolama (capital da região de Bolama Bijagos), Catio (capital da região de Tombali), Gabú (capital da região de Gabú) e Bissorã (capital da região de Oio), como podemos observar no mapa.

Figura1: Mapa da Guiné-Bissau e seus planos administrativos



Fonte: África Turismo (2016)⁵.

A Guiné-Bissau é um país laico, cuja população é dividida entre católicos, muçulmanos, evangélicos e outras religiões tradicionais, conforme Odete Semedo (2010). Entre essas religiões, o “animismo” apresenta 45% dos seguidores cuja crença é baseada nos cultos dos antepassados e poder de espiritualidade, cerca de 38% dos seguidores do islamismo, entre os quais mandingas e fulas, considerados os mais numerosos no país, e o cristianismo corresponde a 8% dos seguidores na cidade de Bissau, segundo Augel (2007).

⁵ Disponível em: <http://www.africa-turismo.com/mapas/guine-bissau.htm>. Acesso em: 21 jul. 2016.

O mesmo assunto foi abordado também por Sami (2009), afirmando que os seguidores da religião animista correspondem a 50%, islamismo 31% e cristianismo 19%. Isso quer dizer que a RTA é o que apresenta o número mais significativo dos seguidores no país, mas vale ressaltar que essas porcentagens variam de fonte para fonte, como podemos ver nos dados apontados. De acordo com Sami (2009) a expectativa de vida no país, para os homens, é de 47 anos; para as mulheres, 52,2 anos, o que quer dizer que as mulheres vivem mais anos em relação aos homens.

O país foi descoberto no ano 1446 pelo navegador português Nuno Tristão, vindo da costa de Senegal, acompanhado por alguns dos seus companheiros. Nessa expedição que deu a sua quarta viagem, foram violentados pelos próprios nativos, o que resultou na morte de alguns deles em um rio das costas da África não claramente identificado, de acordo com Augel (2005). Os restantes que conseguiram escapar voltaram para Portugal Mendy (1994). Nessas viagens, os portugueses conseguiram estabelecer, a partir de então, contatos contínuos com os nativos, que vieram construir entrepostos na Costa Ocidental de África, onde a parte norte da região de Cacheu foi a primeira ocupação no país, fundada em 1588. Conforme Candé (2013), nessa região, nos cursos dos rios de São Domingo, Farim e Buba, foram construídas as primeiras feitorias, porque, inicialmente, os portugueses não tinham interesse em ocupar a parte interior do país, pois achavam Cacheu um local mais estratégico para estabelecer comércio.

O território da Guiné-Bissau teve a sua delimitação só em 1886, através de um acordo entre Portugal e França, que demarcou para os portugueses uma pequena parte confinada entre as latitudes de 10⁰59' Norte e 12⁰20' Norte e as longitudes de 13⁰40' Oeste e 16⁰43' Oeste, segundo Mendy (1994).

O país tornou-se independente unilateralmente em 1973, mas só veio a ser reconhecido por Portugal em 24 de setembro em 1974, depois de onze anos de luta da libertação nacional da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, pelo Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

A Guiné-Bissau faz parte de várias organizações internacionais. Cá (2008) mencionou algumas, como as Nações Unidas (NU), a União Africana (UA), a Comunidade Económica dos Estados da África ocidental (CEDEAO), a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e a União Económica e Monetária Oeste Africana (UEMOA), entre outras organizações internacionais.

2.2 A HISTORIOGRAFIA DA ETNIA MANDJACO

A questão central desta subseção, de modo geral, aborda a história da etnia mandjaco, apesar de o estudo se concentrar nos mandjacos de Calequisse. Contudo, seria importante também trazer uma breve reflexão da história que engloba essa etnia para fundamentar o trabalho. Ainda precisa-se abordar as narrativas historiográficas de divisão territorial, suas convivências, seus aspectos culturais, entre outros elementos complementares dessa etnia.

De acordo com Ferreira (1995), o termo “mandjaco” significa “eu disse” (MAN: EU + DJA: DISSE + CO reforçador da afirmação)⁶. Esse é o termo utilizado para designá-los. Na língua mandjaco, se pronuncia “mandjaco” e, em português, “manjaca”, mas todos estes podem ser usados como “mandjaco” ou “manjaca”.

“O termo mandjaco surgiu em 1792 do comandante de uma colônia britânica albergada em Bolama - Philip Breaver, que referia os ‘*grumet*’ originários da Ilha de Pecixe” (CARVALHO, 2000; GABLE, 1990; MOTA, 1954 apud MENDES, 2014, p. 9). Além dessa designação, os reinos locais tinham suas próprias designações diferente desse termo, provenientes da língua estrangeira (MOTA apud MENDES, 2014, p. 9). Atualmente, por esse termo é designada a maior parte dos habitantes da região de Cacheu, principalmente os de setores de Canchungo, Cacheu e Caio. “Ainda, autora nas literaturas dos séculos XVI e XVII demonstram que os habitantes dos rios Cacheu e Geba eram designados de brames⁷ ou Pepel⁸” (CARVALHO apud MENDES, 2014, p.9).

Na verdade, atualmente, esse termo designa todos os grupos que pertencem à etnia mandjaco na Guiné-Bissau. Todos eles são conhecidos por mandjacos, o que pode lhes diferenciar são os nomes dos espaços geográficos como, por exemplo, mandjacos de Caio, mandjacos de Canchungo, de Calequisse, de Bianga, só esses nomes dos locais que são colocados para diferenciá-los em termo geográfico. Como podemos ver nos relatos de Carreira (1947), a população mandjaco está distribuída por regulados e povoações, entre essas povoações existem manjacos de Pelumdo, Cajinjassa, Padim, Canhobe, Bugulha, Tame, Blequis e Costa de Baixo, atualmente, chamada de região de Canchungo. De acordo com Vídeio da Cidade (S/D), a etnia mandjaco é constituída por sete gerações: basasam ou djagra, baigas, basafim, batat, babusim, bafé e basedjo.⁹

⁶ Termo “*manjaco*” (português), “*mandjaco*” (pronuncia nativa) o que significa “eu disse” os dois podem ser usados.

⁷ Etnia mancanha.

⁸ Etnia papeis.

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PO9THMNnHdQ>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

É interessante ressaltar que, além da divisão pelo regulado, há uma diferença nas formas de falar, melhor, nota-se diferença na variação linguística entre eles, tendo em conta as influências que sofreram dos outros grupos étnicos, que são motivos de apresentarem características um pouco diferente uns aos outros, em que alguns se entendem e outros não, como no caso dos mandjacos de Pantufam. Em termos linguísticos, eles têm mais proximidade com a etnia mancanha em relação aos mandjacos restantes. Assim, baseando no relato do vídeo “Arquivo da Cidade” (S/D), disponível no Youtube, como veremos no *link* abaixo, se relata que os mandjacos se diferenciam em grupos segundo as suas localizações geográficas: Mandjaco de Cacheu, Bianga, Btchibam, Canchungo, de Calequisse, com influência dos Felupes de Basserel, de Pelundo, com influência muçulmana, de Pantufam, com influência dos brames de Canhobe, Tame, Geta, Pecixe, de reino de Tchur e os Manjacos de Cabuiana aparentados aos Banhus e Casangas. Apesar do que o vídeo mostra, ainda existem outras áreas que não foram citadas, mas que fazem parte dessas subdivisões, tais como: Calequisse, Canchungo, Caio, Bachil, Pamdim, Bugulha, Djolmete. Mendes (2014, p. 9) mostra que:

Nove agrupamentos advêm destes critérios: o subgrupo Djeta, Pecixe e Caió; o subgrupo Canhobe, Tam e Pandim; o subgrupo Babok, ou Costa de Baixo segundo a designação colonial, que integra Canchungo, Utia-Côr, Pentcheman, Canou, Bará, Capol, Badjope, Blequisse, Cadjindjassá, Tchualam, Petabe, Beniche, etc.; o subgrupo Tchur, que integra Tchur, Cacheu, Mata e Bianga; o subgrupo Pantufa; o sub-grupo Pelundo e Binhante; o subgrupo Basserel; o subgrupo Calequisse; e o subgrupo Cobiana. Destaca-se o subgrupo Cobiana do resto e dos seus vizinhos de Tchur, por ser um exemplo paradigmático de agregação de comunidades com línguas totalmente diferentes num único bloco.

No entanto, como fica nítido que, apesar de pertencerem ao mesmo grupo étnico, região, por exemplo, algumas expressões são diferentes (estranhas) em relação às outras; entretanto, dentre essas variedades linguísticas, percebe-se que há uma interconexão linguística com as línguas estrangeiras como: francês, olóf¹⁰, entre outras. Isso se deu através da imigração dos manjacos para Senegal, Gâmbia, Mauritânia, entre outros espaços, por meio de contatos com outros povos. Também, percebemos uma diferença nas suas tradições, costumes, cerimônias, rituais, entre outras. Mendes (2014, p. 10-11) explanou no seu trabalho que:

[...] comunidades ou subgrupos convergem, nomeadamente, pelas *pum* (cr. *toka-tchur*), *pemoi* (funeral), *pelum petchap* (cr. *finka firkidja*). Estas cerimónias e rituais existem em todas as comunidades manjaco, mas a sua

¹⁰ *Olóf* língua africana falada em Senegal, por razão dos deslocamentos dos mandjacos para Senegal veio a se misturando com a língua mandjaco.

forma de concretização varia um pouco de subgrupo para subgrupo e no seio de cada subgrupo.

Entre esses subgrupos dos mandjacos, a pesquisa delimitou-se apenas a um pequeno setor no país, denominado Calequisse, habitado por estes. Diante disso, vale realçar que os mandjacos em estudo ocupam o setor de Calequisse, localizado no Norte do país, concretamente na região de Cacheu, constituído por dezoito aldeias, entre as quais: reino de Bassarel, considerado reino dos régulos dos mandjacos, Betenta, Badjob, Bipar, Baramb, Barepind, Timat, Bó, Caiupa, Boti, Pguragur, Tchantum, catidj, Balomb, Mata de Ucó e Nhagabubt. Uma parte do setor foi ocupado pela etnia Felupes. Por falta dos documentos, abordamos o assunto de uma maneira bem resumida, mas isso não quer dizer que não existem componentes relevantes para abordar.

Consequentemente, a discussão desta parte leva ao entendimento de como o país está formado socialmente, politicamente e administrativamente ao longo do processo histórico do território e da unificação do povo e a predominância da religião tradicional sobre outras religiões existentes nesse espaço. Também se dá a compreensão sobre a história do povo mandjaco, semelhanças e diferenças que cada subgrupo apresenta linguisticamente, geograficamente, em relação a ritos e rituais, entre outras.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA RELIGIÃO E RELIGIÃO TRADITIONAL AFRICANA (RTA)

Nesta sessão, trazemos uma breve discussão sobre o conceito da religião, como base inicial da nossa pesquisa, que vai ajudar a compreender essas duas práticas, bem como a explanação sobre religião tradicional africana no contexto dos mandjacos de Calequisse, pois sabemos que, para falar da RTA, é necessário fazer um pequeno recorte, dividindo a especificidade que cada cultura apresenta nessa prática, tanto no país como na própria etnia.

3.1 CONCEITO DA RELIGIÃO

Abordar o conceito da religião neste trabalho como base inicial da nossa pesquisa é necessário, porque não se pode falar da dupla prática religiosa (RTA e RC) sem saber o que é a religião propriamente e como ela funciona e o seu objetivo principal. Isso porque vivemos em uma sociedade cheia de polêmicas religiosas, em que as pessoas são discriminadas, violentadas e, até, assassinadas por conta da religião, pois alguns acham que estão no caminho certo e outros não, portanto é necessário trazer o conceito em debate para dar mais clareza sobre o assunto. Nesse sentido, Durkheim (1996) vai afirmar que, para fazer um estudo com a intenção de saber qual religião é mais primitiva ou mais simples, é necessário afastar-se de olhares preconceituosos ou estereotipados. A mesma ideia foi abordada por Guiddens (2012), o qual sustenta que é difícil fazer um estudo religioso, mas, ao analisar essa prática, devemos reconhecer a diversidade e as diferenças das práticas religiosas e dos rituais existentes nas diferentes culturas humanas, bem como nossa forma de ser, de agir, valorizar e respeitar qualquer que seja a religião do próximo. Mas isso não quer dizer que é impossível fazer esse estudo, já que o homem é capaz de realizar atividades religiosas.

De acordo com Vicente (2012), séculos atrás, nos anos de 1492, a religião não separava com as culturas, raças, espaços geográficos. Tudo se identificava por uma única nomenclatura. Com o processo de descobertas, houve uma mudança significativa, em que a religião e a cultura vieram a separar. A partir dali, surgiram as contradições entre religiões: cristãos, hindus, judeus, muçulmanos, hinduístas, confucionistas, xintoístas, taoístas, espíritas, ateus, dentre outros. Na base desse relato, compreende-se que a “descoberta” dos novos mundos trouxe polêmicas que hoje a sociedade está vivendo. Estas são bem vistas em nossas relações sociais do dia a dia, que não sejamos capazes de controlá-las.

Para Guiddens (2012), na virada do século XVII, o conceito de religião não era assunto relevante de se estudar para os estudiosos, ou seja, os historiadores, sociólogos, antropólogos, entre outros, não tinham interesse em estudar a religião, preocupavam-se mais com estudo da natureza e de outras ciências. Só a partir do século XVIII e XIX que eles começaram a se interessar em estudar a religião, mas, nesse estudo, não se preocupavam se as crenças religiosas eram verdadeiras ou falsas, e nem se estudava aspectos da divindade, mas sim da vida humana, ou seja, a forma como a religião funcionava na sociedade.

A mesma questão foi relatada por Coutinho (2012), o qual afirma que, no século XVII, os estudiosos não se preocupavam em estudar religião, levando em consideração mais os seus interesses em estudar a natureza. Só mais tarde, com o desenvolvimento do método científico, nos séculos XVIII e XIX, é que passaram a estudar a religião nas disciplinas como: Sociologia, História, Antropologia e Psicologia de forma crítica e objetiva, ademais o autor afirma que a religião é um sistema que engloba crenças, práticas, valores e emoções.

Do ponto de vista dos fiéis dentro dessa análise, necessariamente, devem ser notáveis os ideais que inspiram as suas convicções. Assim, para não sair do contexto dessa análise, é preciso buscar uma visão equilibrada sobre esses fiéis. Por outro lado, é necessário confrontar as ideias que procuram o eterno, mas não se deve perder de vista os grupos religiosos, que, muitas das vezes, promovem objetivos bastante diferentes. Estamos, então, considerando exercício da fé, que pode vir a ser mais uma justificativa para práticas humanas do que expressão do divino.

Guiddens (2012), por sua vez, afirma que os sociólogos definem a religião como sistema cultural das crenças e rituais comuns. Sendo assim, na base dessa colocação, os sociólogos como Durkheim, Berger e Wuthnow tomam como base as três definições da religião, as quais que afirmaram que: “a) A religião é a forma de uma cultura; b) a religião envolve crenças religiosas que assumem a forma de práticas ritualizadas; c) é um sentimento de que a vida tem um significado final” (DURKHEIM, 1976 [1912]; BERGER, 1967; WUTHNOW, 1988, apud GUIDDENS, 2012, p. 483).

Na base desse colóquio, percebe-se que a religião é a forma correta de controlar os anseios do ser humano. De acordo com Guilouski (2007), a religião é a ligação do ser humano consigo e com os outros, com a natureza, com o sagrado e com o transcendente. Do ponto de vista do Guerreiro (2012), o poder religioso é a vontade da coletividade e a comunhão social através da qual o homem aprende a pensar na base dos padrões religiosos.

Weiss (2012) também traz para o debate que a religião é um lugar privilegiado para aprender a origem da moral e para dar categorias ao pensamento científico. Nessa perspectiva,

cada autor traz a sua abordagem sobre o conceito e a forma com que a religião funciona, na vida e nas nossas relações pessoais com o sagrado, como é vivida e como orienta a sociedade humana. Partindo-se das visões apresentadas, compreende-se que a religião é uma prática orientadora. Ela ajuda a pessoa a analisar os seus comportamentos tanto do bem assim como de mal, a saber lidar com o próximo e, também, na maioria das vezes, ela muda atitudes humanas. Do ponto de vista dos autores Gaarder, Hellern e Notaker (1952, [2000]), a religião nunca é apenas vinculada à intelectualidade, ela envolve as emoções tão essenciais à vida humana. Os autores ainda acrescentam que a religião é o batismo e a adoração, na igreja cristã.

Claro que a questão religiosa não é baseada em intelectualidade, como sustentam os primeiros viajantes na época, afirmando que os africanos não têm moral, não pensam, incivilizados porque não possuem religião. Considero isso como uma ignorância dos próprios missionários da época, porque não é a religião que faz a pessoa aprender a pensar, a pessoa já nasce com a sua capacidade de pensar, ela apenas ajuda pessoa em analisar coisas. Ainda, é necessário compreender que as práticas religiosas são múltiplas e distintas de acordo a cultura de cada povo, que pode ser vivida de forma diferente.

Perante essa abordagem, pode-se perceber que alguns autores têm ideias opostas, e alguns convergem perante as suas abordagens, não só, muitas das vezes, essas divergências e convergências são encontradas nas nossas relações do dia a dia, em que alguns acham que estão no caminho certo e outros não, mas, se formos ver, não existe religião melhor do que a outra. Cada um é livre para viver a sua religiosidade ou espiritualidade do seu modo, valorizar e acreditar nos valores que ela apresenta. Nesse sentido, Kwasi (2010) afirma que:

No primeiro sentido, a religião pode ser puramente pessoal – pode-se ser religioso sem ter uma religião; o que, na verdade, não é de todo incomum. No segundo, religião é pessoal e institucional. Uma das teses da presente discussão será que, ao contrário de sugestões frequentes, a religião na África é predominantemente de caráter pessoal e não institucional. A afirmação, em outras palavras, é que o conceito de religião se aplica à cultura africana, na maioria dos casos, apenas em um sentido mínimo. (KWASI, 2010, p. 2)

Oliveira (s/d) também opina que a religião é como uma cultura: uma vez que ela busca o significado e resposta sobre a existência humana e o sentido da vida. Sendo assim, a religião desempenha um papel muito importante na vida humana, já que ajuda o ser humano a analisar coisas, mas não é o que naturaliza a moralidade ou a intelectualidade no ser humano. Com isso, pode-se concluir que a religião é a forma cultural que envolve as crenças que possuem práticas ritualizadas, em que a pessoa estabelece uma relação com o sagrado, com a natureza e o transcendente, mas essa relação pode ser estabelecida de forma diferente ou apresentada de

forma distintas. Apesar disso, existe algo comum àqueles que fazem as suas adorações em nome de Deus, ou seja, para um africano é automático essa ligação, pois marca a sua existência e socialização.

3.2 A RELIGIOSIDADE TRADICIONAL AFRICANA NO CONTEXTO DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE

Sabe-se que a África, territorialmente, é um continente muito extenso, com 54 países, nesses países 48 são continentais e 6 insulares em que cada um deles apresenta a sua especificidade religiosa, cultura diferente de outros, e assim por diante. Como foi explicado logo no início do trabalho, o nosso objeto de estudo é especificamente os mandjacos de Calequisse, portanto, não necessariamente falar da RTA no contexto continental. Porém isso não nos impede de trabalhar com autores africanos em geral que tratam do assunto, pois o conteúdo é o mesmo.

Antes de entrarmos na abordagem da religião tradicional africana no contexto dos Calequissenses, é relevante trazer algumas explicações ou reflexões de diferentes autores sobre a prática da RTA, sua existência, seu funcionamento ou embasamento. De acordo com Vicente (2012), a religião tradicional africana é uma religião que não tem um fundador específico, como outras religiões existentes, mas é conhecida como da origem africana, fundada pelos próprios africanos. Segundo Malandrino (2010), os seus ensinamentos são repassados de geração para geração, através dos métodos orais, fábulas, provérbios, ritos, etc. Além desses elementos que a autora citou, existem também outros elementos que os apoiam para transmitir as mensagens, como contos, gestos, símbolos sagrados, entre outros, contados por mais velhos para os mais novos, de geração para geração.

A RTA engloba manifestações culturais, religiosas e espirituais. O seu culto é baseado em danças, sacrifícios de animais, oferendas de comidas, bebidas, dentre outras formas de honrar à divindade. Segundo a tradição dos manjacos, o motivo de realizar esses rituais ou cerimônias é a forma de buscar proteção, tranquilidade, paz, sucesso, dentre outras formas de buscar paz nos espíritos dos antepassados, “*irans*” (entidades) inclusive no Senhor Deus Onipotente, ou seja, estabelecer a intimidade forte com o mundo invisível

Vicente (2012) tem a opinião de que, na África, a RTA engloba a vida das pessoas desde a sua linguagem, a forma de pensar, de agir, opções, os seus medos, suas decisões particulares e coletivas. Nessa religião, a oração acompanha todas os momentos da vida do indivíduo, pois não há atividade que não seja baseada na oração, ou seja, todas as atividades são consagradas

pela oração, tratando-se de orações simples, curtas e espontâneas. A mesma questão foi abordada por Mbiti (1990 apud KWASI, 2010, p. 1) que diz: “os povos africanos são predominantemente religiosos, nem mesmo sabendo viver sem religião”.

A RTA é considerada uma das religiões mais antigas. Ela não é algo novo na história do continente africano, também não é praticada apenas nesse continente, mas sim em quase por toda a parte do mundo, por meio da guerra ou do processo de escravidão no século XV, em que muitos africanos foram escravizados e levados para as Américas e outras partes do Mundo, conforme Vicente (2012).

Por meio desse processo que o autor apontou, também pode-se verificar que além de trabalho braçal que realizavam, também levaram com eles seus valores culturais, forma de viver, seus saberes, espiritualidade, por isso a sua prática é verificada de forma diferente, conforme o espaço geográfico e a cultura de cada povo. Desse modo, se torna difícil conectar a prática religiosa tradicional dos mandjacos de Calequisse no contexto continental, pois existe uma dimensão cultural na África em que cada cultura apresenta de forma particular, assunto sobre o qual Vicente (2012) vai dizer que, apesar dessas diferenças que cada nação apresenta, os conteúdos essenciais são os mesmos.

A RTA ainda carrega consigo muitos olhares de caráter pejorativo sobre o seu embasamento, da mesma forma que as culturas africanas, pois logo que os primeiros viajantes pisaram o continente, começaram a atribuir-lhes nomes baseados em interpretações pejorativas, como animismo, primitivo, paganismos, a religião sem salvação, entre várias denominações. Quer dizer, foi criado um olhar estereótipo sobre essa religião durante o processo de evangelização, considerando que a prática da RTA é algo ligado à feitiçaria, isso para poder impor ou monopolizar os nativos a se afastarem dos seus costumes, a fim de poderem dominá-los.

Nesse caso, Vicente (2012) tenta trazer uma explicação sobre estes termos usados pelos viajantes. Logo nos seus primeiros contatos com os africanos, alguns desses termos, como feitiçaria e animismo que foram empregados. Com isso, o autor vai dizer que o feiticismo é uma palavra portuguesa, mas de origem latina, em que aparece da seguinte forma: *facticus factum*, que significa “feito a mão”, podendo designar objetos naturais ou artificiais fabricados à mão por seres humanos. Ainda, esse autor aponta que o objeto enfeitado em si não é adorado, como se pode ver no trecho a seguir:

O *Feiticismo* foi rejeitado, de modo geral, pelos antropólogos e, de modo particular, pelos antropólogos africanos. O objeto enfeitado não é adorado em si, porque o feitiço não tem um poder oculto ou sobrenatural; é um suporte de forças, não é uma

divindade [...] O *Feiticismo* não é a forma elementar de religião. (VICENTE, 2012, p. 19-20)

Além do conceito de feitiçaria, Vicente (2016) tentou também trazer uma explicação a respeito do conceito animismo, dizendo que o animismo é o culto às almas dos antepassados mortos ou espíritos, é a crença da existência das almas. Ainda segundo o autor, devido a essa má interpretação, é necessário que a história da África e do povo africano seja contada pelos próprios africanos Vicente (2012). E não por um estrangeiro, que apenas tem um olhar enganoso sobre a África, como continente em que vive um povo sem cultura, não humano, inferior, etc.

Na base dessa abordagem, é perceptível que esses termos usados para caracterizar a religião tradicional africana não correspondem à realidade das crenças dos próprios povos, porque os africanos não adoram os objetos enfeitados. A feitiçaria é uma magia, não uma religião propriamente em si. Contudo, não vale aqui ficar preso a explicar essas designações de modo profundo, mas sim dar pistas para a melhor compreensão do que seriam essas denominações.

Como foi abordado por Vicente (2012), logo no início da sessão, a RTA não é algo novo no continente africano. Como também explicou Kwasi (2010), muitas pesquisas e trabalhos dos próprios africanos mostram que estes já foram capazes de desenvolver as suas próprias crenças em Deus independentemente da chegada dos missionários no continente africano.

De igual modo, podemos ver a existência dessa prática e a sua aderência ao longo dos séculos na sociedade mandjaco, inclusive de Calequisse, por fazerem parte do continente onde a religião referida (RTA) foi fundada. De acordo com Mendes (2014), antes da chegada do colonizador, o povo africano, especificamente guineense da etnia mandjaco, já tinha os seus próprios costumes, as suas crenças religiosas, civilizações politicamente estruturadas, independentemente da presença dos europeus no território da Guiné-Bissau. Tal como podemos ver:

Antes da chegada dos primeiros missionários e colonizadores em 1446 à Guiné-Bissau com o objetivo de evangelizar e colonizar, por considerarem este território um espaço vazio, desprovido de conhecimentos e pronto a ser preenchido pelo saber universal, os vários grupos étnicos que viviam neste espaço tinham a sua própria religião, usos e costumes, em que se baseavam os seus comportamentos e atitudes. (MENDES, 2014, p. 32)

Portanto, a presença do colonizador não foi o que fez os mandjacos serem ou se tornarem religiosos ou o que proporcionou seu primeiro contato com a religião, todavia, tiveram a religião tradicional africana como a primeira crença religiosa e como religião que ocupa maior parte da vida de cada mandjaco, em que cada indivíduo nasce e se integra culturalmente nela. A base

das suas práticas religiosas, o culto, é o que chamam culto de *utchai*¹¹ *irã*¹² e os *balugum*¹³, antepassados, estes são considerados como intermediários que estabelecem diálogo entre homem e Deus, e também diálogo entre os vivos e os mortos. A crença ou o culto aos *irans* e ancestrais são associados à religiosidade da etnia mandjaco, que também acreditam fortemente na existência de Deus Onipotente. Ferreira (1995) complementa essa mesma abordagem afirmando que, nessa prática, os mandjacos cultuam um Deus todo poderoso que deseja o bem da humanidade. Mas a única forma de estabelecer o contato só pode ser obtida através das forças espirituais, que é chamada de *irã*, ainda acrescenta que o termo *irã* tem significado de lugar sagrado destinado para realização das cerimônias dedicadas aos espíritos.

Mendes (2014) também sustenta a mesma ideia, afirmando que, na comunidade mandjaca, o *irã* é espírito fundamental nas suas interações sociais, ele é considerado como intermediário entre o homem e Deus, mas também os mandjacos acreditam e reconhecem a existência de Deus. O diálogo entre esses espíritos e os homens se dá através de poder sobrenatural que algumas pessoas têm por natureza, poder (necromancia) como foi afirmado por KWASI (2010, p. 6):

“Espíritos” são considerados como sendo fora do comum, mas eles não são entendidos como estando fora deste mundo. Além disso – de acordo com a crença – pode-se realmente ver e comunicar com eles, por meio daqueles que têm olhos medicinalmente reforçados e recursos apropriados de comunicação.

Ainda segundo Mendes (2014), o *irã* apresenta duas forças: do bem e do mal. Apresenta a força do bem por questão de proteção do corpo contra os malfeitores, maus olhares, entre outros, na base de uma boa relação. A sua parte ruim é quando age como grande negociador, obrigando que a pessoa pague com um membro da sua família, ou seja, ele tem potencialidade de mediador ou juiz, ao mesmo tempo que de punidor depois de ser informado sobre problemas. Ou ainda de punir por falta de cumprimento do combinado.

Vale trazer a explicação sobre o comportamento de *irã* baseando-se nas fontes orais repassadas cotidianamente dos mais velhos ou anciões, segundo os quais o *irã* age conforme o combinado e o comportamento das pessoas com as quais ele se relaciona (boa relação e má relação). Sendo assim, com o não cumprimento do combinado, sem dúvida, ele age de forma desagradável, mas também ele é considerado espírito protetor da comunidade e da família. No

¹¹ Entidade na língua étnica mandjaco.

¹² O mesmo espírito na língua crioula falada na Guiné-Bissau.

¹³ É um pão de madeira que simboliza alma das pessoas que morem na tradição mandjaco.

caso de enfermidade, ele é avisado para proteger, para trazer chuva abundante, boa colheita, fertilidade, paz, sucesso, entre outras coisas.

Estes também apresentam uma grande importância nessa sociedade, como explicou Mendes (2014). Além de irã também acreditam intimamente nos antepassados. Conforme Augel (2007), na Guiné-Bissau, o culto aos antepassados assume um papel muito importante na cultura religiosa. Também a prática da religião tradicional africana está baseada nos *irans*. Ainda segundo o autor, na sociedade guineense, inclusive em comunidades tradicionais, os pedidos aos *irans* são feitos em diferentes momentos, como no momento de paz ou de guerra, de felicidade ou de dor, de saúde ou de doença, nos momentos de solução de problemas familiares, de namoros e para o sucesso econômico, ou seja, qualquer assunto da natureza é sempre resolvido no âmbito espiritual.

Esses espíritos, conforme afirma Kwasi (2010), têm potencialidade de ajudar e, ao mesmo tempo, destruir ou prejudicar os seres humanos caso houver bom e mau comportamento motivado pelo ser humano. Por isso, as pessoas se cuidam e estabelecem uma boa relação com esses espíritos, através dos rituais repletos de saúde, paz e proteção. Cardoso (2004) sustenta essa mesma posição, afirmando que, perante espíritos dos antepassados, as pessoas fazem confissões, pedidos de proteção e tudo o que pretendem para o bem-estar deles, mas também, no caso de ignorância ou descumprimento de alguma cerimônia por parte dos seus familiares residentes no mundo dos vivos, eles os punem.

Malandrino (2010), por sua vez, explica diz que não há afastamento entre os vivos e os mortos: os seus mundos (visível e invisível) encontram-se em comunicação através da realização e da participação dos rituais. Os laços vitais entre estes não se rompem com a morte, caso a pessoa tente romper esses laços vitais com os antepassados ou com outros membros da comunidade, ela é aniquilada. Na base disso, percebe-se que os antepassados também se comportam de forma semelhante com o irã, conforme foram tratados. Por isso, Kwasi (2010) diz que os ancestrais merecem ser respeitados e amados, porque cuidam dos assuntos familiares e, ao mesmo tempo, punem sem que haja questionamento das suas atitudes, ou seja, sua justiça é inquestionável, afirma Kwasi (2010). Neles, os mandjacos enterram o cordão umbilical de recém-nascido de cada pessoa. Mesmo nascendo fora do país, o cordão umbilical é guardado e transportado para o chão mandjaco para ser enterrado embaixo das forquilhas que representam as almas dos ancestrais *itchap*, isso para que a pessoa fique em seu controle para toda a vida. A respeito disso Ferreira (1995, p. 15) afirma:

Cada indivíduo da família mandjaco nasce sob a proteção de um símbolo, normalmente representado por um objeto que personifica a ligação desta com os seus antepassados [...] através destes símbolos, comandam a vida e a morte. Estes símbolos acompanham a pessoa desde do seu nascimento interferindo nas diferentes fases da sua vida passagem da adolescência, casamento, fertilidade, trabalho (lavoura, tecelagem, etc), proteção contra as calamidades naturais até a morte.

É importante ressaltar que, na sociedade mandjaco, inclusive os mandjacos em estudo, a presença desses espíritos é indispensável tanto nas suas relações sociais quanto em todas as circunstâncias da vida humana ou como modo de vida. Esses espíritos são simbolizados por pedaços de madeiras e têm seus lugares específicos, que podem ser, na varanda ou na floresta, como podemos observar nas imagens.



Figura 2: Foto retirada do *site* Cultura Mandjaco



Figura 3: Cultura Mandjaco, tirada pela autora

Como foi abordado por vários autores, os mandjacos, religiosamente, são seguidores da RTA antes de se converterem para outras religiões não tradicionais. Apesar dessa conversão verificada desde chegada dos colonos no território da Guiné-Bissau, principalmente com a instalação da paróquia na década de 80, no setor de Calequisse, isso não quer dizer que os mandjacos deixaram de ser seguidores da religião tradicional africana, pois são muitos apegados a essa prática, como afirmou Neves (1999): ser missionário na terra dos mandjacos significa remar contra a corrente, porque os mandjacos são um povo muito apegado à tradição, que tem costumes muito próprios da sua cultura. Isso pode ser verificado não só no povo mandjaco ou no sector de Calequisse, mas também em torno do país, em que os guineenses na sua grande maioria possuem dualidade religiosa.

Segundo a tradição dos Calequissenses, as forquilhas representam a alma das pessoas ou antepassados que já partiram, pois acreditam na vida depois da morte, pois culturalmente existem ligação entre o mundo visível e invisível. Segundo Vicente, 2012, p. 42): “os africanos acreditam instintivamente que os mortos continuam e permanecem em comunhão com eles”. Por isso que os mandjacos têm o costume de simbolizar os seus antepassados por uma forquilha chamada *petchap-balugum*, na língua mandjaco, em português, significa objeto ou alma do defunto, nele (a), de vez em quando, são oferecidas comidas e bebidas (CARDOSO, 2004).

Também foi compreendido que existe uma relação muito forte entre a pessoa e a religião tradição. No caso de afastamento ou desvinculo com a tradição, há um substituto pelos familiares, ou seja, alguns dos seus deveres são realizados por seus familiares como forma de livrá-lo das consequências que poderão acontecer. Tal como abordou Domingos (2011), no seu trabalho intitulado “Relação do Homem com a Natureza”, a autor afirma que, na tradição africana, o padrão familiar é extenso, o homem vive em união na base de uma relação com os seus ancestrais, explicando que, no caso de desvinculo, há substituto. E é traves da ancestralidade que se dá sentido ao modo de vida.

Perante essa abordagem, pode concluir-se que a relação dos mandjacos, inclusive de Calequisse, com a tradição ou com os antepassados é muito forte, pois cada pessoa nasce logo inserido na tradição, e também é representado por um símbolo que controla todas as suas fases de vida desde nascimento até a morte. No caso de rompimento desses laços de ligação com seus antepassados, a pessoa corre riscos, que podem trazer várias consequências negativas.

Como foi relatado acima, os mandjacos, antes da presença do colono, já se consideram crentes religiosos tradicionalistas. Contudo, com a chegada do colono no território da África, principalmente na Guiné-Bissau, setor de Calequisse, por meio de evangelização, os motivaram

a se inserir nas outras religiões, principalmente na Católica, sem deixar, contudo, as práticas tradicionais, razão pela qual vieram a ser considerados dualistas ou praticantes de duas religiões ao mesmo tempo. Isso será abordado na próxima sessão, com base das entrevistas realizadas com dualistas da etnia mandjaco.

Perante a discussão acima colocada por diferentes autores, deve ficar claro o que podemos entender sobre religião e a religião tradicional africana e que não devemos sermos intimidadores ou intimidados por essa prática. Portanto, baseando-se nessas abordagens, percebe-se que apesar de estes apresentarem procedimentos (adorar, cultuar) diferentes, acreditam na existência de Deus onipotente, em que cada um é livre para se consagrar a Deus do seu modo, independentemente de ser budista, católico, tradicional africano, testemunha de Jeová, entre outras.

4 OS EFEITOS DA INTRODUÇÃO DO CATOLICISMO NO SEIO DA COMUNIDADE DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU

O objetivo desta sessão é trazer olhares explicativos sobre a forma como se procedeu a aderência a uma ou outra religião (a Tradicional Africana e o Catolicismo), dos mandjacos de calequisse, quais são os fatores influenciadores da prática do dualismo religioso e o seu impacto na vida cultural desses dualistas no setor de Calequisse, a partir da década 80, que foi a data da instalação da primeira e única paróquia desse setor: São Carlos Lwanga.

4.1 OS ASPECTOS MOTIVADORES DA ADERÊNCIA ÀS RELIGIÕES TRADICIONAL AFRICANA E CATOLICISMO (RTA E RC)

Durante as entrevistas com os nossos entrevistados, surgiram diversas explicações sobre as suas aderências religiosas, quando foram perguntados sobre qual a religião que cada um deles praticava. Logo, nas suas falas percebemos que existem dois espaços de natureza físico-organizacional diferentes, que são: espaço urbano e espaço rural, os quais os influenciaram em aderirem a uma ou outra religião (RTA e RC), porque os que nasceram e vivem na zona urbana, fora do setor de Calequisse (cidade), afirmam ter mais vínculo com a Religião Católica. E os que nasceram e vivem ou frequentam o setor de Calequisse (zona rural) afirmam ter mais vínculo com a Religião Tradicional Africana. Estes mostram ser mais preservadores e apegados à tradição, pois estabelecem laços muito forte com tradição. Tal posicionamento nos leva a perceber que existe uma predominância de uma religião sobre outra nesses espaços. Augel (2007), por sua vez, vai dizer que, na sociedade guineense e na África em geral, na zona rural, existe uma relação muito forte e de extrema importância entre o mundo visível e o invisível, entre o natural e o sobrenatural, em que a vida social é controlada pela consulta aos espíritos.

Na base desse relatos há também entrevistados que vivem na zona urbana que afirmam ter mais vínculo com a religião católica, por não viverem ou frequentarem a zona rural (aldeia), mas para eles, isso não quer dizer que não fazem parte da religião RTA, fazem sim porque vieram de famílias muito apegadas à tradição, que de vez em quando realizam cerimônias em nome dos membros da família. Domingos (2011) explana que, na África, o plano maior da vida de um homem é encontrar o equilíbrio harmônico com a natureza; mesmo absorvendo a concepção eurocêntrica sempre garante uma relação ou uma consideração muito forte com a natureza. Trata-se de uma perspectiva sobre a difícil de assimilar pelo ocidente. À vista disso

é tão incompreendido o diálogo com duas ou algumas religiões ao mesmo tempo. Por esse motivo, na tradição dos mandjacos de Calequisse, a natureza não é violentada, o que quer dizer cortar ou queimar mota de qualquer maneira, porque é ali que eles encontram as entidades as quais eles cultuam ou o lugar onde estabelecem relação íntima com esses espíritos e seus ancestrais, por isso existem espaços considerados sagrados para usos específicos, nos quais realizam cerimônias dedicadas a esses espíritos, que vão fortalecer a relação entre os dois mundos (dos vivos e dos mortos). Entretanto, o que podemos compreender, nessa lógica, é que, nas zonas urbanas, a concepção ocidental é evidentemente muito forte, pois nela predomina o uso da natureza para fins econômicos.

Domingos (2011) vai dizer que, para um ocidental, de uma maneira geral, o projeto maior da vida é dominar a natureza e transformá-la para obter o proveito do capital ou poder econômico a todo custo e ter um “*status social*”, mesmo sem os meios técnicos necessários, mas sempre com a arte de vencer sem ter a razão. Portanto, a forma de viver de um europeu e a forma de viver de um africano são totalmente diferentes, pois o ocidente pensa em conquistar a natureza pelos fins econômicos enquanto o africano em especial mandjaco, pensa em preservá-la para manter relação e tentar fortalecê-la cada dia mais.

4.1.1 A Comunidade Urbana

De acordo com os entrevistados, existe uma certa predominância de uma religião sobre outra nos espaços urbano e rural, conforme foi abordado há pouco e vai ser reforçado por Nuno, que afirma:

A primeira religião que eu pratico é a RTA, por nascer num espaço onde a RC tem pouca aceitabilidade além disso, nasci no seio da família muito apegado à religião tradicional africana, inclusive meus pais são balobeiros, e eu nasci neste ambiente e fui inserido nesta prática da Religião Tradicional Africana. Só depois que eu fui para a cidade [de Bissau] morar com o meu tio, foi ali que comecei a praticar pela primeira vez o Catolicismo, pois ele nos abrigava e batia a quem negava ir para igreja no domingo, ele sempre nos chamava atenção quanto à abdicação à prática da Religião Tradicional considerando como algo ruim. (Nuno, 2016)

Nessa ordem de ideia, Vicente (2016) afirma que as teorias apresentadas pelos antropólogos e missionários da época para explicar o culto dos antepassados e a funcionalidade da RTA não correspondem à realidade dessa tradição. Com isso, vale ressaltar que esses antropólogos missionários aproveitaram-se da Igreja Católica para propagar e pôr em prática certos ensinamentos aos nativos quanto à forma como deveriam pensar, agir e viver suas

religiosidades, devendo espelhar-se no modo ocidental, pois, para eles, é a forma mais viável para a civilização desses povos, que acham “primitivos”. No entanto, essas ideias também foram assimiladas “inconscientemente” pelos próprios povos dominados até no ponto de achar as culturas tradicionais ruins.

Apesar disso, esse pensamento foi rejeitado por vários autores, exemplo disso é a afirmação do chefe da missão católica de Calequisse, Padre Gerlier, (2004), o qual diz que os mandjacos não precisam assimilar a cultura europeia para se tornarem educados ou civilizados, só pelo fato de apresentarem uma cultura diferente do ocidental. Os próprios missionários é que são mal-educados e não civilizados quando se apresentam sem nenhuma vergonha com as suas culturas, seus costumes e suas igrejas, achando que são mais puros e verdadeiros. Ainda Gerlier, que teve e está tendo oportunidade de conhecer um pouco da cultura africana, inclusive dos mandjacos, diz que um estrangeiro não tem o direito de julgar o costume dos outros e nem agir como se houvesse um único padrão de cultura, a não ser tentar compreendê-la no seu contexto e não em relação ao seu sistema de valor, pois não há outra forma de evangelização senão a vontade de penetrar pouco a pouco no universo cultural do outro e ter paciência para conhecê-lo da raiz, não de fora para dentro Padre Gerlier, (2004).

Como foi explicado anteriormente, para dar mais amplitude à nossa pesquisa, não limitamos a nossa entrevista apenas com os mandjacos residentes no setor de Calequisse, mas também procuramos entrevistar os mandjacos oriundos desse setor, mas que vivem fora de Calequisse, na diáspora principalmente no Brasil e França, no caso da Mariana, que afirma ser praticante da Religião Tradicional Africana, porque nasceu na família tradicionalista que a praticam, de vez em quando, realizam cerimônias para ela, o que a faz se manter sempre em contato com a tradição. Desse modo, não há como ela negar as práticas tradicionais, porque é a primeira religião que todos os seus familiares praticam, então nasceu e foi inserida nela desde criança. Isso significa que, apesar da sua inserção na Igreja Católica e de viver fora do país, ainda tem um amor profundo pela tradição, conforme explica:

Eu sou da Religião Tradicional Africana, mas [...] pratico a Religião Católica, inclusive batizei, mas tenho contato muito forte com a Religião Tradicional Africana. Eu faço e meus familiares também fazem para mim, porque, na verdade, a Religião Tradicional é da minha origem. Nasci e cresci nela, todos os meus familiares são desta religião, isto está no nosso sangue, [...] não tem como fugir dela (Mariana, 2016).

Nesse caso, Padre Gerlier, (2004) vai afirmar que os mandjacos se assumem exteriormente como católicos quando têm interesses, mas agem a favor dos seus ancestrais

quando se trata de viver momentos importantes da vida, como o nascimento, o casamento, a doença, o sucesso, o fracasso, a morte, dentre outras situações de vida. Ainda, a maioria dos mandjacos residentes na diáspora, inclusive na França, são batizados, mas ainda têm o costume de enviar o cordão umbilical das crianças após o nascimento para que seja enterrado na forquilha dos seus antepassados. De modo semelhante, muitos transportam uma mala que contém as roupas das pessoas falecidas no estrangeiro para o chão de mandjaco, a fim de fazer o ritual da alma dessas pessoas falecidas, o que significa estabelecer intimidade ou ligação forte com ancestrais.

Segundo tradição destes, esses rituais são realizados para integrar a vida da pessoa com os seus antepassados e família, e fazer com que a alma da pessoa morta chegue ou viva em comunhão aos familiares que já partiram e que vivem no mundo além, ou seja, manter uma relação forte dessas pessoas com os seus antepassados e os seus familiares vivos, independentemente do engajamento na concepção ocidentalista.

Perante essa abordagem, Malandrino (2010) observa que a relação da pessoa com os antepassados e os seus familiares pode ser vista em duas categorias, sendo elas: solidariedade vertical e solidariedade horizontal. A solidariedade vertical é quando o indivíduo está fortemente em conexão com os seus ancestrais; e a horizontal é quando a pessoa vive em comunhão com a comunidade e a família. Também Domingos (2011) sustenta que, na tradição africana, a pessoa não é ser isolado, caso contrário, é considerada morta.

Na base dessa explanação, percebemos que, na sociedade mandjaco, inclusive na comunidade de Calequisse, a família é um fator fundamental, ela é capaz de fortificar laços de união de dois mundos por si e para restos de familiares. Ainda, a maioria dessas pessoas usam guardas tradicionais (*chefri*)¹⁴ e também os dão para os seus filhos ou familiares, sendo amarados nas suas cinturas, nas suas casas, às vezes, embaixo da cama, para servir de guarda ou protetor. Isso também seria a forma de fortificar mais suas relações com a tradição.

Ainda sobre debates urbanos, tais abordagens são mais próximas ao Catolicismo em detrimento da Religião Tradicional, pois alguns realçam os valores ditos “modernistas” ou “civilizatórios”, considerando a Religião Tradicional como algo que é difícil de entender, pois acham que suas práticas são tipicamente prejudiciais, como relatou Lindo: “*práticas tradicionais são prejudiciais, caso a não realização de algumas cerimônias*”.

No caso específico, algumas pessoas que nasceram na capital, onde geralmente a prática da Religião Tradicional não é tão “frequente”, demoraram ter pouco contato com a tradição,

¹⁴ Guarda tradicional feito de chifre de animal.

isso porque esses espíritos são mais encontrados nas zonas rurais (aldeias) e, para realizar alguma cerimônia ou algum ritual nesses espíritos, a pessoa teve que se deslocar de cidade para a aldeia para poder realizar a cerimônia, salvo se alguém tiver *tchifri* onde ele está. Por isso que os que residem na zona urbana e que nunca viajaram ou moraram na aldeia, que precisam realizar certas cerimônias, muitas das vezes os familiares realizam por eles ou são eles que se responsabilizam pela sua realização, porque esses familiares foram influenciados pelo Catolicismo ou por não saber nada sobre tradição. Podemos compreender isso no depoimento do Nino, que afirma que teve o seu primeiro contato com a Religião Tradicional Africana só a partir da época em que se deu a Guerra Civil, quando se refugiou na aldeia, mas antes disso seus avós realizavam cerimônias incluindo nome dele:

Teve o meu primeiro conta com a RTA na época de Guerra Civil, quando refugiei para aldeia, mas a primeira religião que pratiquei é Religião Católica. Quando eu tinha oito anos de idade, estudei catequese, batizei, fiz caminhão, crismei. Meus pais também são seguidores da Religião Católica, mas meus avós são seguidores da Religião Tradicional Africana e fazem cerimônias incluindo nossos nomes. (Nino, 2016)

Isso significa que se o Nino não tivesse refugiado para aldeia, se tornaria difícil ter contato presencial ou proximidade com a Religião Tradicional. Com isso, pode-se perceber que o vínculo do indivíduo com as duas religiões, além da sua própria decisão ou da sua vontade, compreende como pressupostos, vícios provenientes do espaço físico em que cada uma destas religiões (RTA e RC) predomina.

No caso da Mana, que nasceu na cidade, é possível ver que ela está um pouco afastada da realidade tradicional, por viver com irmãs na casa de formação desde criança. Ela nunca teve oportunidade de participar das cerimônias tradicionais e nem chegou a viver na aldeia, onde poderia ter contato com as práticas tradicionais, isso foi um dos motivos que a motivou a não ter contato com a tradição, mas, apesar disso, afirma que seus familiares são tradicionalistas:

Sou da Igreja Católica até hoje. Nunca pratiquei outra religião a não ser o Catolicismo, porque estive na casa de formação. Quando eu tinha quatorze anos de idade, participava nas atividades, paróquias. Alguns dos meus familiares são da Religião Tradicional Africana, mas nunca houve intolerância religiosa na família, porque eu acho que eles compreendem que todas as religiões acreditam num só deus. Além disso, todas as religiões são criadas pelos homens, nenhuma religião caiu do céu. (Mana, 2016)

De um lado, pode-se constatar as exigências e as obrigações de pais e familiares em não abrir mão para deixar os seus parentes fazerem suas próprias escolhas, principalmente na

fase da adolescência, e sobre as crianças, de forma inconsciente, perante o que acham melhor ou adequado para elas seguirem. Podemos observar isso na fala de Nenedju (2016):

Nasci numa família muito apegada à Religião Tradicional Africana, em que não deram o espaço ao Catolicismo, também na aldeia onde eu nasci o Catolicismo é pouco praticado, o que motivou a minha aderência à RTA.

Também podemos ver, no depoimento de Vitorino, que passou pela mesma situação, que os familiares não se conformaram com a sua escolha individual quando ele procurava a religião que, no seu entender, faria mais sentido ou em que pudesse acreditar:

Eu praticava a Religião Tradicional Africana, quando estive na aldeia, pois meus pais são dessa mesma religião, mas depois fui para a cidade foi convidado pelo meu amigo pastor da “Igreja Assembleia de Deus”. Ali comecei a ir a essa igreja sem fazer meus familiares saberem. Depois de um tempo, decidi me converter, mas isso deu um choque na família. (Vitorino, 2016)

Pelo que percebemos durante as entrevistas, alguns que apresentam ser evangélicos, no caso específico do Vitorino, cujos pais são praticantes da Religião Tradicional Africana por viverem na zona rural (aldeia), onde a Religião Católica não tem tanta força o que motivou, inicialmente, seu primeiro contato com a Religião Tradicional, como foi frisado acima, já que existe uma influência muito forte da Religião Tradicional na zona rural (aldeia) em relação à RC. Dando continuidade a esse questionário de atos de autoritarismo por parte dos pais ou familiares quanto à opção religiosa dos seus filhos e familiares, no que diz respeito à religião que seus parentes devem seguir, algumas vezes, pelo que compreendemos na entrevista, sobre essa imposição ou obrigação de a pessoa seguir uma ou outra religião, ou de não deixar alguém fazer a sua própria escolha, isso, mais tarde, pode levar a pessoa, também, a se desvincular em vez de vincular. Essa atitude pode ser percebida na fala de Nuno, que foi obrigado pelo tio a seguir a Religião Católica:

Praticava o Catolicismo através do meu tio, quando estive na cidade inclusive batizei, mas hoje deixei de praticar esta religião e voltei a praticar a Religião Tradicional Africana, porque, na verdade, não era a minha escolha, pois foi uma obrigação do meu tio. (Nuno, 2016)

Nessa circunstância, Gerlier (2004) afirma que é difícil um velho mandjaco tornar-se inteiramente católico mesmo batizado, e se tornar significa renunciar a tudo o que estruturou a sua vida desde seu nascimento.

4.1.2 A Comunidade Rural

A maioria dos nossos entrevistados reconhece que vieram de familiares tradicionalistas, ou seja, que praticam a Religião Tradicional Africana, que nasceram e foram inseridos ou influenciados diretamente pelos pais e familiares. Como explica Monica (2016): “*Nasci no seio duma família tradicionalista, convivi com as pessoas que praticam essa religião, então foi inseri nesta pratica também, até hoje, mas também prático catolicismo*”. Caso semelhante aconteceu também com Pedro (2016), que teve o seu primeiro contato com a RTA logo ao nascer, justificando que isso aconteceu porque tinha pouca frequência dos missionários na sua aldeia na época de 80, então foi isso que o motivou a considerar a Religião Tradicional africana como a sua primeira crença:

Eu nasci numa aldeia de setor de Calequisse, onde todo setor é predominado da Religião Tradicional Africana, que igualmente foi a minha primeira religião, apesar da existência de uma paróquia São Carlos Lwanga, que fazia cobertura a todas as seções do setor. Na época, não havia Igreja Católica na minha aldeia. Lembro-me que havia missionários que, em certos períodos, andavam de casa em casa, batizando as crianças, nessa comunidade, até depois da minha mudança com os meus familiares para Capital Bissau. (Pedro, 2016)

A década 80 foi o período de instalação da paróquia São Carlos Lwanga, no setor de Calequisse, mais especificamente em Badjob, que representa todas as pequenas aldeias que existem ao redor desse setor e, da década de 1980 até meados dos anos 90, poucas aldeias tinham capelas, havia apenas em Badjob, em 1980, onde foi instalada uma paróquia e em Betenta, no ano 1991. São apenas essas duas pequenas aldeias que possuíram capelas na época em torno do setor, o restante das aldeias não tinha capela, como foi afirmado por Pedro no seu depoimento. Até hoje algumas aldeias não possuem capelas.

Então isso leva à pouca aderência das pessoas a essa religião, que poderia incentivar mais a população. Naquelas que possuem capelas, nem todos domingos são celebradas missas, a celebração da missa é feita um domingo sim e um não. Isso porque os missionários não conseguem dar conta de tudo isso, porque existe apenas um ou dois padres que evangelizam ou que celebram a missa em todas essas aldeias. Então, essa fraca frequência dos missionários em evangelizar, como acontece em alguns locais, acaba por não motivar a participação ou aderência da população à religião.

Pelo que podemos compreender também, é o próprio incentivo dos pais, da família ou da comunidade estes são pressupostos fundamentais que assombram e determinam o que o sujeito deve seguir. Isso foi evidenciado em ambos os lados, quer nas falas que representam

zonas rurais assim como naquelas de zonas urbanas. Essa ideia foi realçada na fala de Mariano (2016), que afirma o seguinte: *“Nasci numa comunidade onde a Religião Tradicional é fortemente praticada, vi os meus ancestrais (pais, tios e avós) a fazer o uso e os costumes desta religião, então, me inseri e passei a praticá-la também”*. Lindo também ressaltou essa mesma ideia, afirmando que também nasceu na comunidade e em uma família na qual predomina a RTA *“eu nasci dentro da família que pratica Religião Tradicional, cresci nela, pratico, mas agora não frequento tanto”*.

No entanto, no depoimento de Carfala, vemos o seguinte: *“a primeira religião que eu pratiquei foi a RTA, porque vivi num meio social em que se pratica essa religião; mas com o passar do tempo eu vim a abdicar da Religião Tradicional a favor da Católica”*.

De acordo com os depoimentos dos entrevistados, compreendemos que a aderência religiosa à RTA assim como à RC, na maioria dos casos, não depende apenas propriamente da iniciativa deles, mas sim do espaço geográfico em que eles vivem, através da predominância religiosa no local, e, também, pela influência dos familiares e da comunidade, através das relações sociais. Todas essas evidências foram detectadas nas duas religiões, tanto no Catolicismo assim como na Tradicional Africana, ao longo da pesquisa. Ainda dá para perceber certa imperatividade da predominância de uma ou outra religião (tradicional ou católica) em cada um desses locais nos quais estes estão vivendo.

4.2 OS FATORES INFLUENCIADORES NA PRÁTICA DO DUALISMO NO SETOR DE CALEQUISSÉ A PARTIR DA DÉCADA DE 1980

Nessa subseção, procuramos abordar a forma como se deu a prática do dualismo religioso no setor de Calequissé, levando em consideração o processo de evangelização e da instalação da paróquia no setor na década de 1980, isso pode ser uma das possibilidades para descobrir os verdadeiros motivos dessa dualidade. Portanto, a construção da visão evangelizatória implementada no território na época, vista como a possibilidade para ter “aceitação” ou “civilização” na sociedade, a qual foi reforçada pela concessão do batismo pela Igreja Católica como forma de passagem da classe dos “gentios” para a dos “civilizados”, uma vez que essa primeira possibilidade era condição indispensável para obter o estatuto de “assimilado”. Isso levou à inserção de muitas pessoas na Igreja Católica por meio da evangelização no país, particularmente no território de Calequissé.

Assim, com essa evangelização, muitos foram influenciados a aderiram à Religião Católica, através dos discursos preconceituosos que desvalorizavam as culturas locais para poder introduzir as suas evangelizações. Com essa influência, muitos passaram a viver numa constante intranquilidade espiritual, isso porque foram enganados ou estavam fazendo uma vontade alheia. Essa intranquilidade motivou, posteriormente, o regresso de algumas pessoas ao culto da Religião Tradicional Africana, mas sem deixar o Catolicismo, ou seja, passaram a praticar duas religiões. Como foi possível observar em vários depoimentos, em que os entrevistados relataram ter sido obrigados a se inserir na Igreja Católica pelos familiares e através do processo evangelizatório. No entanto, posteriormente, deixaram as práticas da Religião Católica e voltaram para a Religião Tradicional por não se conformarem com o que eles foram obrigados a fazer.

Não obstante ainda, será necessário trazer outras explicações baseadas nas entrevistas e nas teorias para constatar aquilo que foi colocado acima sobre os verdadeiros motivos que influenciaram essa prática. Para nortear a nossa pesquisa, utilizamos o seguinte questionamento: como foi que se deu a prática da dualidade religiosa na Guiné-Bissau, principalmente na comunidade de Calequissé? Para tentar responder a essa questão, é necessário trazer diferentes abordagens dos entrevistados e de alguns autores, como Padre Neves (1999), o qual considera que os mandjacos são seguidores da Religião Tradicional. Com isso, os missionários e as missionárias assumiram a responsabilidade de servi-los na base de um diálogo inter-religioso, ainda Neves (1999) considera que não era fácil obrigar ou impor

uma evangelização no meio de uma comunidade em que as pessoas estão totalmente apegadas à tradição, sem olhar para suas convivências culturais.

Na base dessa abordagem, compreende-se que esse diálogo inter-religioso pode ser considerado como um dos motivos que naturaliza essa dualidade religiosa no setor. Ainda é necessário trazer outras versões baseadas nas entrevistas sobre a questão dessa dualidade religiosa. Assim, conforme a Monica, a questão de praticar duas religiões partiu de uma influência através de propagandas evangelizatórias, que mostravam que a única possibilidade de obter a salvação no reino de Deus é crer em Jesus Cristo, pois é a única forma para alcançar a glória de Deus. Além disso, também tinha a curiosidade de conhecer essas duas realidades a fim de tirar as dúvidas e de se libertar dos olhares estereotipados que, na verdade, tinha. Isso lhe motivava tanto a aderir à Religião Católica como a continuar praticando a RTA, tranquilamente, sem problemas, como podemos conferir:

Aderi à Religião Católica através das influências das propagandas de evangelizadores que sustentavam que quem acredita em Jesus Cristo será salvo e quem não acredita não terá salvação, e tinha também a curiosidade de conhecer duas realidades a fim de tirar as dúvidas e de me libertar de várias teorias sustentadas sobre estas duas religiões, então isso me motivava a aderir à Religião Católica. Com o tempo, consegui receber o sacramento, até tenho afilhados sob minha orientação, mas, apesar disso, continuei praticando, ou seja, não significa que abandonei a primeira religião, mas pratico as duas tranquilamente, o prejuízo é quando a pessoa tenta abandonar a tradição. (Monica,2016)

Com isso, Gerlier (2004) afirma que o fato de a pessoa ser batizada e, ao mesmo tempo, praticar a RTA não impede nada e nem muda nada, muito menos criar problema para o indivíduo. Esse padre deu o exemplo de uns sacerdotes, Augusto e Brimel, em Bajob, que foram batizados pelo próprio padre, mas, depois do batismo, foram chamados pela tradição para assumir a responsabilidade de vidente de *amanham*¹⁵ e *napene*¹⁶. Com isso, vale ressaltar que assumir a responsabilidade de cargo de *amanham e napene* não impede a pessoa de continuar sendo católico, mas o que pode causar problema é quando o indivíduo quer se afastar da religião por outros interesses, o que é capaz de os fazer passar por intranquilidade na vida. Padre Neves (1999) vai dizer que os mandjacos acreditam nos espíritos castigadores, que precisam ser calmados através da realização de cerimônias. Então isso deveria ser também um dos motivos de não tomar decisões definitivas quanto a deixar as práticas tradicionais em favor do Catolicismo, mas provas disso, ainda podem ser descobertas durante a discrição.

¹⁵ Balobeiro: a pessoa que se responsabiliza pelas cerimônias do irã.

¹⁶ Vidente.

No depoimento do Nino, que praticava a Religião Católica e depois veio a praticar a Religião Tradicional Africana não foi uma simples curiosidade, mas sim foi a partir do momento que se refugiou na aldeia, durante a Guerra Civil, de 07 de junho de 1998 a 1999, na cidade de Bissau. Ali ele começou a ter o primeiro contato com a RTA segundo Nino (2016): *“Comecei a praticar a RTA quando se deu o conflito de sete de junho, quando refugiamos para aldeia, mas a primeira religião que eu pratiquei é católica com idade menor”*.

Ainda, ao longo da entrevista, pode-se entender que alguns entrevistados passaram a praticar o dualismo a partir do momento que se deslocaram de uma zona para outra, como no caso de Pedro, que começou a praticar duas religiões na época em que se mudou com seus pais para a cidade:

A minha mudança com os meus pais e irmão para Bissau foi determinante, ou seja, daí pela primeira vez comecei a frequentar a Igreja Católica junto com os meus vizinhos. Era uma caravana nos dias de domingo e, depois de um ano, comecei a frequentar catequese, mas nunca tive o impedimento dos meus pais, apesar de não serem praticantes do Catolicismo. (Pedro, 2016)

De acordo com os depoimentos dos entrevistados acima, dá para entender alguns motivos que levam essas pessoas a praticarem duas religiões ao mesmo tempo, sendo elas: a questão de mudança de uma zona para outra (urbana e rural) e a questão da propaganda evangelizatório, a questão da curiosidade e através do diálogo inter-religioso, permitido no setor, e a forma de tentar preservar a cultura e de se livrar dos atos prejudiciais que podem acontecer com o indivíduo quando tenta se afastar da tradição. Isso motivou uma abertura onde se pode ver as pessoas a praticar duas religiões normalmente. Apesar disso, não estamos afirmando que não existem práticas dualista na cidade, ou seja, na maioria que vivem na cidade também praticam o mesmo como foi percebido. Essa ideia pode ser vista no depoimento de Pedro (2016):

A Religião Tradicional Africana, assim como a Igreja Católica, não critica seus fiéis ao praticarem duas religiões, o problema é tomar muito cuidado de saber respeitar a realidade de cada um, isso quer dizer que a Igreja Católica está inserida dentro de um ambiente de respeito mútuo e convivência harmônica com os fiéis da RTA no local. Então, na base dessa admissão que veio a verificar diferentes sensibilidades desde muito tempo até na época de “guerra civil”, quando estive de volta para aldeia. Na igreja, se encontravam tanto as mulheres e homens, alguns responsáveis das entidades da Religião Tradicional que também frequentavam a Igreja, ou senão a dualidade (Pedro 2016)

No caso das outras igrejas, como as dos evangélicos, testemunhas de Jeová, ou da Nova Apostólica, entre outras evangélicas que são mais radicais no ponto de vista ideológico, a ver

uma pessoa praticando a Religião Tradicional Africana, isso porque não permitam a dualidade religiosa, e nem acreditam nas práticas tradicionais e tradicionalistas, também não concordam com atitudes evangelizatórias dos evangélicos, por isso a igreja evangélica é inaceitável no seio da comunidade do setor de Calequisse. Assim como é notável, na fala de Vitorino, que afirma que: “*Quando converti para a igreja evangélica, os meus familiares cortaram relação comigo, alguns não falaram mais comigo, pois não se conformaram com a minha conversão até hoje, foi um choque para a família*”. A Mariana vai explanar sobre a mesma informação, dizendo que:

Tanto o Catolicismo, assim como a Religião Tradicional, não tinha tanta exigência como os evangélicos. É verdade que os evangélicos são afastados da comunidade ou do setor, porque rejeitam totalmente as práticas tradicionais. Aham que são ruins, mas o Catolicismo, apesar de ser religião levada para o continente africano, não mostra tanta rigorosidade como a evangélica. Então, precisamos saber isso, eu, mesmo estando aqui na França, me comunico com meus ancestrais de vez em quando, com a ajuda dos familiares. São eles que fazem quase tudo para mim enquanto estou na França. Mas se for na Igreja Evangélica não teria coragem de fazer isso, por isso, para mim, eu considero que a Religião Tradicional e o Catolicismo permitem essa dualidade. Observei isso nas atitudes dos missionários padres no setor, pois não mostravam os pontos contraditórios rígidos nas nossas relações, por exemplo. Se pegamos um pastor ou uns crentes evangélicos, vamos encontrar diferentes atitudes. Inclusive, tenho um primo que se converteu para evangélico que se desvinculou totalmente das práticas tradicionais, até dos seus familiares. Para ele, estamos num caminho errado. Ele que está certo. Ao passo que a Religião Católica, pelo que vivenciei, não mostra atitudes pejorativas sobre as práticas do local em que as pessoas praticam as duas normalmente. (Mariana, 2017)

Na base disso, Padre Gerlier, da Igreja Católica no setor afirma que nunca obrigou alguém a deixar a prática tradicional, pelo contrário, participou ativamente nas cerimônias, ritos e rituais realizados nesse setor. Segundo ele:

Respeito profundamente a Religião Tradicional dos mandjacos, inclusive acompanho todos os acontecimentos deste povo... até no mato sagrado¹⁷. Participo das algumas cerimônias se eles me dão licença. A evangelização é mais uma questão de testemunho de vida da parte do missionário do que um ensino formal sistemático. (Padre Michel Gerlier, 2017)

Também vale lembrar que, a partir do momento em que os missionários que atuam no setor não mostram ser pejorativos e reformularam as suas políticas de evangelização, deixando-as não “extremistas”, isso significa que passaram a ver a Religião Tradicional como algo que não é diabólico, ou seja, não a caracterizam como práticas primitivas, até no ponto de simbolizar o padroeiro da paróquia – São Carlos Lwanga – por uma forquilha igual à que os mandjacos simbolizam os seus antepassados, em que os responsáveis fazem rituais sobre esta forquilha

¹⁷ Espaço onde realizam cerimônias tradicionais.

todos os anos na Festa dos Antepassados. Isso para ver que existe tolerância entre as duas religiões no setor, pois vivem em um ambiente harmônico, dividindo o mesmo espaço, mesmo não total, mas, pelo que podemos ver, na verdade, é tolerância religiosa.

Então, essa política de tentar respeitar a realidade do local foi uma das políticas ou estratégias que os missionários usaram para facilitar as suas evangelizações e que veio a motivar fortemente a inserção da comunidade na Igreja Católica.

Na base das falas dos entrevistados, dá para entender que não apenas a ideia de obtenção de estatuto de assimilado ou de discursos deixados pelo colonizador, mas também existem outros motivos que os levam a praticar o dualismo, como: o desejo de tirar dúvidas sobre as duas práticas, o diálogo inter-religioso, o apego à tradição ou o desejo de se livrar de prejuízos, o deslocamento de um espaço para outro, como foi nítido durante as entrevistas, notados como um dos fatores motivadores da prática da dualidade religiosa. Portanto, na próxima abordagem, pretende-se refletir acerca dos impactos positivos e negativos desse dualismo na vida e na cultura desses dualistas.

4.3 OS IMPACTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DO DUALISMO NA VIDA E NA TRADIÇÃO DOS DUALISTAS

Nesta subseção, procuramos abordar os impactos do dualismo na vida e na cultura desses dualistas, com isso, procuramos trazer diferentes abordagens, tanto daqueles que praticavam o dualismo como daqueles que praticam até hoje. Durante as entrevistas, apareceram diversas relatos sobre o impacto de praticar duas religiões, em que cada um destes explica as mudanças que sofreram durante o processo, a forma de ver o mundo ou analisar as coisas, nas relações sociais, no dia a dia, assim por diante.

Sendo assim, para os nossos entrevistados, praticar duas religiões, por um lado, é visto como um privilégio de aproveitar o conhecimento de ambas as religiões, a forma de manter e preservar as identidades, a forma de descobrir o real e o irreal, ou seja, a forma de tirar as dúvidas ou de se libertar dos olhares preconcebidos, é onde a pessoa compreende e aprende como lidar com outras entidades religiosas. Ainda, descobriram que todas essas religiões têm a mesma finalidade, apenas a forma de louvor que são representadas de formas diferentes, mas isso não quer dizer que um é melhor que outro. Cada uma têm sua parte boa e ruim. Também sustentam que o dualismo é outra forma de viver a religiosidade ou espiritualidade. Essa ideia

pode ser comprovada por diferentes falas, uma dessas é a de Carfala e dos demais que podemos ver a seguir:

Na altura em que eu praticava o dualismo, descobri que todas essas interpretações eram equivocadas, tanto na Religião Tradicional assim como na Religião Católica, de dizer que uma é melhor que a outra. Não. Todos têm a mesma afinidade, pois aprendi coisas positivas, também descobri coisas negativas, isso me instruiu a saber escolher ou fazer coisas boas na vida, saber me relacionar com o próximo educadamente... e então, para mim, não existe a diferença entre essas duas religiões, pois todos eles acreditam num Deus único, ou seja, na existência de um só Deus todo poderoso, só as formas de o adorar que são diferentes, portanto o dualismo é outra forma de viver a espiritualidade. (Carfala, 2016)

A mesma ideia foi reforçada pela Monica, a qual demonstra que aprendeu muitas coisas positivas, mas também descobriu coisas negativas ao longo do tempo em que pratica essas duas religiões.

Ao longo do tempo que pratico a dualidade, tenho descoberto coisas positivas, ao contrário daquilo que se falam dessas duas religiões. Compreendi logo que tanto o Catolicismo assim como a Tradicional Africana ensinam para o bem, como, por exemplo, de não fazer o mal ao seu próximo, mas isso não significa que não têm os seus aspectos negativos, têm sim. (Monica, 2016)

Para Pedro, praticar o dualismo seria a forma de avaliar a si mesmo, respeitar, saber lidar com as diferenças e a diversidade religiosa, dar valor a qualquer que seja a religião, pois nenhuma é perfeita, como podemos ver:

Praticar o dualismo foi um enorme privilégio para mim, de me autoconhecer (conhecer a mim mesmo), conhecer as imperfeições dessas crenças religiosas, onde me ajuda no amadurecimento não só de ponto de vista religioso, mas também me auxilia nas condutas individuais e coletivas, nas convivências cotidianas e de respeito mútuo com as diferenças e as diversidades das crenças religiosas. (Pedro, 2016).

Levando em consideração as falas expostas, compreende-se que é relevante viver uma experiência como essa, viver duas realidades, possibilitar dois diálogos entre entidades. Com isso, é necessário trazer Padre Gerlier para explicar melhor a importância dessa ambiguidade religiosa que os entrevistados realçaram. De acordo com Gerlier (2004), quando o espírito de Jesus está em comunicação com o da tradição dos ancestrais produz uma ferramenta criativa, que vai construir elementos lógicos numa perspectiva nova. A conclusão que se pode tirar sobre esse pressuposto de junção de dois espíritos que resultam numa nova visão combinatória é que vai permitir o indivíduo libertar-se do radicalismo e dos preconceitos.

Contudo, por outro lado, existem aqueles que advogam a ideia da incompatibilidade entre as duas religiões, ou seja, que recusam a ideia da prática do dualismo religioso. Isso foi relatado por alguns entrevistados, como Lindo, que afirma que não existe lógica de acreditar em dois espíritos diferente ao mesmo tempo. Para ele, praticar duas religiões é quando a pessoas não acreditar totalmente na RTA e nem na Religião Católica, e, quando isso acontece, a pessoa acaba por ficar sem saber na verdade qual religião deve seguir, então ele vai dizer que isso é a pouca fé e falta de opção. Ainda, para ele, a RTA é uma falsidade, não tem nada que comprove a sua existência. Essa ideia pode ser escutada na fala do Lopes, que vai dizer que:

Não existe lógica em praticar duas religiões ao mesmo tempo, isso parece não acreditar RTA assim como na religião Catolicismo. Esse tipo de comportamento leva a pessoa a não saber qual religião deve seguir. Religião Tradicional Africana é a invenção dos antepassados. Em outra circunstância, diria que é de uma adoração obscura sem provas, pois não tem o que pode provar, como na Religião Católica, como a Bíblia, também não existem as ligações entre as duas e para mim a Religião Tradicional Africana é uma falsidade. (Lopes,2016)

Na base do depoimento de Lopes, é necessário salientar que a oralidade pode trazer algo contrário à realidade, da mesma forma que a escrita pode trazer as informações contrárias do real, mas isso já vai depender de quem está contando e se quem escreveu está descrevendo o assunto; porém tudo pode ser analisado na base dos fatos, na base do relato de Durkheim (2011) que vai dizer que todas as religiões estão relacionadas ao conhecimento do mundo, ou seja, não existe religião que não está relacionada ao conhecimento do mundo, ao mesmo tempo, baseada no raciocínio abstrato, imaginário. Nenedju também relata que praticar duas religiões é a questão de covardia de denunciar maus espíritos, por isso as pessoas o praticam, mas não como algo benéfico, como afirma:

Dois espíritos diferentes não podem se interligar. Mas por motivo de medo ou de covardia de denunciar os espíritos maus, as pessoas interligam essas duas religiões, sem nenhuma relevância, portanto. No meu ponto de vista, as pessoas devem denunciar essa tradição. (Nenedju,2016)

Essa forma de caracterizar as práticas tradicionais como diabolismo ou que não deve ser interligadas com as da religião cristã não só entre os demais não tradicionais, em que os próprios sujeitos são instruídos pelas propagandas evangelizatórias, para falar do bem e do mal das práticas religiosas, a partir dos elementos ou valores estereotipados, possibilitou a dominação hegemônica, através da criação dos conceitos de grau de inferioridade das crenças religiosas africanas designadas diabólicas, anormais e outras padronizações, como forma de inferiorizar as culturas e os próprios africanos, afastando-os das suas culturas locais. Isso porque não havia

espaço que permitia o diálogo entre religiões para, de fato, compreender a realidade dos africanos.

Perante essa discussão, Vicente (2016) salienta que, se o ocidental ou católico quer dialogar com a África ou com o povo africano, deve renunciar à sua necessidade de supremacia e deixar que os africanos falam deles mesmos. Ou aquilo que Padre Gerlier (2004) recomenda: se quiser falar de um povo, tem de procurar conhecer suas histórias e acompanhar o seu cotidiano. Isso leva a recordar a forma como foi justificada a existência da Religião Africana, dizendo-se que foi uma invenção dos ancestrais por desconhecerem a existência de Deus. Mas, para isso, os africanos também precisam avaliar essas teorias e não ficarem presos, baseando-se nas teorias deixadas, ou seja, alguns africanos precisam de uma lavagem cerebral para poder compreender o mundo. Nessa ordem da ideia, Malandrino (2010) salienta que devemos ser cautelosos nas nossas teorias, nas nossas palavras sobre as práticas tradicionais, porque as pessoas que nos geraram são pessoas importantes, são nossos protetores, devido a isso, merecem ser valorizados, além disso, deixaram uma herança espiritual sobre o mundo visível, por isso são venerados.

Perante essa afirmação, é necessário trazer os relatos de Padre Gerlier (2004), o qual sustenta que todas as religiões funcionam por um sistema único e têm uma lógica profunda e uma dinâmica, por isso o missionário não deve criar conflito contra práticas tradicionais, sejam quais forem. Essa afirmação faz compreender que todas essas religiões vêm de algumas construções das crenças dogmáticas feitas pelos homens e têm um único propósito, que é almejar ou atingir a benção do senhor (Deus).

Certamente que, se partimos do ponto de vista científico, seremos convencidos de que todas as religiões, seja qual for e sem exceção, são construções sociais com origem (emanação) do além, do sobrenatural, são feitorias humanas e com finalidade humana. Nesse sentido, Durkheim (1996, p. 7) sustenta que “não há religião falsas. Todas são verdadeiras a seu modo”.

De acordo com os relatos acima, é possível compreender que não se pode julgar ou desqualificar a cultura ou crença de um povo seja qual for, antes de tudo, devemos compreendê-la, levando em consideração as diferenças, não olhar de fora para dentro, porque isso acaba nos fornecendo resultados equidistantes ou informações falsas sobre o fenômeno ao qual queremos conhecer.

Durante a pesquisa, compreendemos que os missionários católicos que atuam no setor Calequisse mostram que não tinham interesse em fazer a comunidade que lá se encontra se afastar de suas tradições culturais e nem tinham intenção de desvalorizar as culturas locais, mas sim preocupavam conhecer a realidade do local, trabalhar em conformidade com a comunidade,

atender suas necessidades assim que precisassem, como podemos entender nos relatos de padre Gerlier, entre os demais padres que participam das cerimônias locais.

Os missionários curavam os doentes, davam gêneros, emprestavam dinheiro, levavam a gente no seu carro (boleia ou carona) ou realizar cura tradicional, ofereciam bolas e equipamento completo para os jovens, roupa, construimos em Canchungo, uma pequena aldeia de seis casas para acolher uma centena de alunos das nossas aldeias que precisavam estudar no liceu em Canchungo, em que cada casa tem a sua pequena horta, onde os alunos cultivam legumes para melhorar as suas refeições. (Gerlier, 2016)

Também afirma que nunca houve guerras e nem exclusão inter-religiosa entre os seguidores, mas é nítido que, quando um mandjaco se converte para evangélico, sempre há discordâncias, ou até sua exclusão, já que, entre católicos e tradicionalistas, não existe essa exclusão. Então, isso demonstra que existe um convívio harmônico entre os católicos e os tradicionalistas na base do respeito mútuo (tolerância religiosa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar uma pesquisa, é necessário ter em nossa mente que se trata de uma experiência da vida acadêmica que partiu do interesse de descobrir os conhecimentos, que podem ser obtidos através de vários embasamentos de saberes. Com isso, cabe ao pesquisador (a) trazer ou demonstrar os resultados que conseguiu ao longo da pesquisa sobre o assunto pesquisado.

Os objetivos traçados neste trabalho são apenas uma pista ou guia de orientação para os futuros pesquisadores que pretendam desenvolver os assuntos relacionados a este, que podem trazer outros resultados diferentes deste, como também o crescimento acadêmico da pesquisadora.

Na segunda sessão ao contextualizar abordagem sobre contexto geográfica do país no qual habitam os mandjacos de Calequisse e uma breve historiografia da etnia mandjaco, percebemos uma predominância da Religião Tradicional Africana sobre outras religiões não tradicionais existentes na Guiné-Bissau, com maior número dos seguidores, principalmente na zona rural.

A terceira sessão deste trabalho abordou o conceito de religião como base inicial da pesquisa para compreender os motivos de praticar as duas religiões. Assim como religião tradicional africana no contexto dos mandjacos de calequisse. Nesse caso, percebemos que a religião seja qual for é um sistema cultural que envolve as crenças que possuem práticas religiosas ritualizadas, em que as pessoas estabelecem uma relação com a natureza, com o sagrado e o transcendente, apresentados de formas variáveis e distintas dependendo da cultura de cada povo, mas sempre colocando Deus no centro de tudo.

No decorrer da pesquisa, ficou nítido que não é a presença do colonizador ou da instalação da paróquia no setor que fazem os mandjacos tornarem-se religiosos, pois já tinham as suas crenças religiosas muito antes da chegada dos missionários no território nacional Guiné-Bissau, em particular no setor de Calequisse. Nessas suas práticas religiosas, reconhecem a existência de Deus, como em qualquer outra religião, mas também acreditam na existência de espíritos dos antepassados e irã. Todavia, a chegada dos missionários ou instalação da paróquia São Carlos Lwanga no setor houve grande inserção dos mandjacos na Religião Católica.

Diante disso, cabe destacar que, apesar dessa inserção, isso não os fez deixarem as práticas tradicionais, pois a pesquisa nos demonstra que os mandjacos de Calequisse são um povo muito apegado à tradição, por isso é difícil um mandjaco deixar as práticas tradicionais,

independentemente de ser batizado ou do lugar onde está ou mesmo seguindo outras religiões. Por isso, amaram guardas protetoras tradicionais, nas cinturas, nas suas portas e embaixo da cama, assim que for possível ou necessário, isso para se protegerem ou manter contato com a tradição.

Na quarta sessão, foi feita uma análise sobre os motivos que levam os mandjacos a praticar duas religiões ao mesmo tempo. Com isso ao longo da pesquisa, descobrimos que a razão de praticar duas religiões ao mesmo tempo ou de não deixar as práticas tradicionais após o batismo por um lado tem a ver com a questão de preservação das identidades culturais, a questão de efetivação dos usos e rituais tradicionais que a pessoa tem por obrigação de realizar para se livrar de atos prejudiciais que poderá acontecer caso houver o desvinculo das práticas tradicionais.

Por outro lado, praticar duas religiões tem a ver com as políticas usados pelos missionários que atuam no sector, de não impor a evangelização dentro das culturas endógenas, o respeito e a valorização das culturas e realidades locais, pois, na concepção dos missionários, não adiantava obrigar ou aplicar uma evangelização numa comunidade extremamente conservadora e apegada à cultura sem permitir o diálogo de dois espíritos (de Jesus e tradicional).

Então, isso motivou bastante a comunidade a se inserir na Igreja Católica, o que é totalmente diferente das missões das outras igrejas, como no caso das igrejas evangélicas, que não permitiram esse diálogo inter-religioso, por acharem que é impossível estabelecer um diálogo entre o espírito de Jesus Cristo e a Religião Tradicional Africana, por isso não existe nenhuma missão da igreja evangélica no setor. Então são esses os fatores que contribuíram bastante para a inserção dos mandjacos de Calequisse na Igreja Católica e, ao mesmo tempo, para a manutenção das práticas tradicionais.

Ainda os fatos apontados nos permitem compreender que o dualismo ajuda pessoa a compreender melhor as realidades religiosas, saber lidar com outras religiões sem olhares preconceituosos, por isso, assume um papel muito importante que ajuda o indivíduo a combater os comportamentos estereótipos, não obstante que foi/é visto pelos outros como perda de tempo, práticas cansativas, visto que, para eles, não há lógica em acreditar em dois espíritos ou estabelecer diálogo entre dois espíritos.

Ainda acreditamos que, com esta pesquisa, é possível capacitar os seguidores das outras religiões a saberem estabelecer convívio harmônico na base da tolerância religiosa, a realizarem diálogos entre as religiões e se afastarem dos olhares estereotipados.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Parente, Moema. **O Desafio do Escombros**: Nação Identidades e Pós-Colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamon, 2007.

_____. **O Desafio do Escombros, a Literatura Guineense e a Narração da Nação**. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/215444285/MOEMA-O-Desafio-Do-Escombros-A-Literatura-Guineense>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

CARREIRA, Antônio. **Vida Social dos Manjacos**: Centenário da Descoberta da Guiné, 1947. Disponível em: <<http://memoriaafrica.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=%2FBCGP%2FBCGP-NE1947-1&p=2>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

CANDÉ, Artemisa Odila Monteiro. **Guiné-Bissau**: da Luta Armada à Construção do Estado Nacional - Conexões Entre o Discurso de Unidade Nacional e Diversidade Étnica (1959-1994). Salvador, 2013. Disponível em: <<http://www.ppgcs.ufba.br/site/db/trabalhos/13102014095742.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

COUTINHO, Jose Pereira. **Religião e Outros Conceitos**. Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

CÁ, Augusto. **Estudos Sobre Caça e Mercado de Primatas em Tombali, Sul da Guiné-Bissau**. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://pos.icb.ufmg.br/pgecologia/dissertacoes/D214_Augusto_Ca.pdf>. Acesso em: 14 out. 2015.

CARDOSO, Leonardo. Os Brames: Da Morte ao Enterro. **Soronda**: Revista de Estudantes Guineenses. Brasília: INEP, 2004.

DOMINGOS, Luís Tomas: **A Visão Africana em Relação à Natureza**. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/st12/003%20%20luis%20tomas%20domingos.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**: O sistema totêmico na Austrália. Martins ed. livraria São Paulo. - 1996.

FERREIRA, Mariana. **Sons da Tradição**: Bissau: ed. Radda Barnen/SNV, 1995.

GERLIER, Michel. **Experiência de Um Missionário Entre os Mandjacos**. Bissau, 2004. Disponível em: <<http://senegambia.blogspot.com.br/2004/09/experincia-de-um-missionario-entre-os.html>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**: Porto Alegre: 6. ed. 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GUILOUSKI, Borres da Costa. **Ensino Religioso**: Subsídios para 5ª e 6ª. Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://ensinoreligiosonreapucarana.pbworks.com/w/file/fetch/109659322/Aulas%20de%20Ensino%20Religioso.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

GUERREIRO, Silas. **A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades**. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=A0H1V9GvD87V8wfXiIGIDw#q=A+atualidade+da+teoria+da+religi%C3%A3o+de+Durkheim+e+sua+aplicabilidade+no+estudo+das+novas+espiritualidades>. Acesso em: 14 jul. 2016.

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein **O Livro das Religiões**. (1952). São Paulo: ed. Schwarcz 2000. Disponível em <http://www.fbnovas.edu.br/fbnovas/wp-content/themes/kingdomtheme/images/ebooks/cienciasteologicas/o_livro_das_religioes.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DA ESTATÍSTICA. **Terceiro Recenseamento Geral da População e Habitação 2009**. Disponível em: <http://www.statguineebissau.com/publicacao/caracteristicassocio_cultural.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2015.

_____. **Segundo Dados de Último Recenseamento**. Bissau, 2010. Disponível em: <http://www.gaznot.com/?link=details_actu&id=466&titre=Sociedad>. Acesso em: 18 out. 2016.

KWASI, Wiredu. **As Religiões Africanas desde um Ponto de Vista Filosófico**. West Sussex: Blackwell, 2010. Disponível em: <http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kwasi_wiredu_as_religi%C3%B5es_african_desde_um_ponto_de_vista_filos%C3%B3fico.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2017.

MENDY, Piter Caribe. **Colonialismo Português em África: A Tradução de Resistência na Guiné-Bissau (1870-1959)**. Brasília: INEP, 1994.

MALANDRINO, Brígida Carla. **Os mortos Estão Vivos: A Influência Dos Defuntos na Vida Familiar Segundo a Tradição Bantú**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/ultimoandar/download/BrigidaMalandrino.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

MENDES, Paulina. **Entre os “Saberes locais” e o “Saber Universal”**: a Modernização das Comunidades Manjaco e a Mandjização do estado na Guiné-Bissau. Coimbra, 2014. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/27071/4/Moderniza%C3%A7%C3%A3o%20das%20comunidades%20Manjaco%20e%20Mandjiza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Estado%20da%20Guine%20Bissau.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

NEVES, Tony. **Missão Sem Fronteira**. Guiné-Bissau, 1999. Disponível em: <<http://www.espiritanos.pt/familiaespiritana/jsf/noticias/noticia/news///ponte-99-em-terras-de-manjacos.html>>. Acesso em: 07 out. 2016.

NEVES, Tony. **Ponte 99 em Terra dos Mandjacos**: Bissau, 1999. Disponível em: <<http://espiritanos.pt/artigos/noticia/news/ponte-99-em-terras-de-manjacos/>>. Acesso em: 1 mai. 2016.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **Análise Antropológica do Fenômeno Religioso**. Brasília, (S/D). Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/000/14/pdf/fenomenoreligioso.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné-Bissau: História, Culturas, Sociedades e literatura.** Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

SAMI, N'heter Napan: **História da Guiné-Bissau.** São Carlos, 2009. Disponível em: <<http://www.ceeja.ufscar.br/guine>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

SILVA, Baducaran Domingos Augusto da. **Urbanização na Guiné-Bissau Morfologia e Estrutura Urbana da sua Capital.** Lisboa, 2010. Disponível em: <http://urbanismo-portugal.net/files/upload/Dissertações/baducaran_silva.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2015.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitative: técnicas e procedimentos para o desenvolvimentos de teoria fundamentada.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas. 2015

VICENTE, José Armando. **A salvação na Religião Tradicional Africana no Contexto Subsaariana.** Belo Horizonte: 2016.

A experiência Salvífica na Religião Tradicional dos Povos Banto e a Teologia do Concílio Vaticano II: Pistas para o Diálogo Inter-Religioso a Partir do Paradigma Missão Evangelizadora da Igreja: Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/280612-QV8iY3qGwNDXJ.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

WEISS, Raquel. Durkheim e as Formas Elementares da Vida Religiosa. **Debates do NER,** Porto Alegre, p. 95-119, jul./dez. 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/arete%20mendes/Downloads/36520-144010-1-PB%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/arete%20mendes/Downloads/36520-144010-1-PB%20(6).pdf)>. Acesso em: 09 out. 2016.